PUC
RIO

Cristina Duba Silveira Elia

A PSICANÁLISE KLEINIANA NO BRASIL
– Um panorama histórico-político –

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PSICOLOGIA CLÍNICA

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO, JANEIRO DE 1986

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
http://www.puc-rio.br

N.Cham. 150 E42ps TESE UC
Autor Elia, Cristina Duba Silveira
Título A psicanálise kleiniana no Brasil

Ex.1 PUC-Rio - PUCB 00152776

CRISTINA DUBA SILVEIRA ELIA

A PSICANÁLISE KLEINIANA NO BRASIL

(UM PANORAMA HISTÓRICO-POLÍTICO)

***

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre.

Professor Orientador: Anamaria Ribeiro Coutinho

***

Rio de Janeiro

1985

103222

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
BIBLIOTECA
DO RIO DE JANEIRO
15276
17/11/2000

150
E42 ps
TESE UC

A Luciano

A Daniel e Mariana

A meus pais.

QUERO EXPRESSAR MEU AGRADECIMENTO A:

- CAPES, pelo auxílio financeiro
- Departamento de Psicologia da PUC/RJ
- Anamaria Ribeiro Coutinho
- Norma de Miranda Alonso
- Selma Ranieri Viana
- Todos os analistas entrevistados pela boa vontade, cortesia e amabilidade com que tão prontamente atenderam às solicitações
- Therezinha Féres Carneiro
- Tania Coelho dos Santos
- Daniel e Mariana, pela extensa paciência para tão pequena idade
- Luciano

***

RESUMO

O objetivo mais amplo desse trabalho é empreender uma análise, tomando como eixo central seus sentidos político e ideológico, do discurso psicanalítico mais difundido em nosso meio — a saber, o discurso kleiniano. Neste sentido, tomamos como foco central do nosso trabalho as representações dos próprios psicanalistas, agentes desse saber, acerca da teoria que sustenta sua prática, bem como de sua própria prática, seus recursos de intervenção e produção social, seus efeitos sociais e políticos. Para isso, buscamos situar o discurso kleiniano dentro do movimento psicanalítico, tomando como referência algumas questões, inquietações e indagações atuais da psicanálise, e cuja compreensão consideramos fundamental para o deslindamento dos sentidos que esse discurso peculiar e específico assume em nosso meio social. Fazemos, com a mesma intenção, uma descrição comentada da teoria e técnica kleiniana, situando-a em seu espaço de emergência. A partir daí, tecemos algumas considerações conclusivas sobre nossa temática e a abordagem que dela fizemos, no sentido de melhor circunscrever as inquietações fundamentais que nortearam este trabalho.

RÉSUMÉ

Ce que nous prétendons, de façon la plus générale, dans ce travail c'est d'entreprendre une analyse du discours psychanalytique le plus diffusé dans notre milieu, c'est à dire, le discours kleinien, en en prenant les dimensions politique et idéologique comme l'axe central de cette analyse. Dans cette voie, nous avons focalisé les representations que les psychanalystes eux-mêmes, les agents de ce savoir, font de la théorie qui soutient leur pratique, bien que de cette pratique elle-même, leurs ressources d'intervention e production sociale, leurs effets sociaux et politiques. Ayant ce but nous avons essayé de situer le discours kleinien dans le mouvement psychanalytique, en prenant quelques questions, inquiétudes et interrogations actuelles de la psychanalyse, dont la compréhension nous paraît fondamentale pour le dévoilement des sens que ce discours peculier et spéficique porte dans notre milieu social. Nous faisons, dans cette direction, uns description commentée de la théorie et de la technique kleinienne, en cherchant à le situer dans son espace de naissance. Ensuite, nous élaborons quelques considérations conclusives en ce qui concerne la thématique que nous avons délimitée et sur l'abbord que nous en avons fait objectivant de mieux circonscrire les questions qui ont orienté le travail.

ROTEIRO

1. INTRODUÇÃO.....Pág. 01

2. CAPÍTULO I - "O Nascimento da Psicanálise".....Pág. 12

3. CAPÍTULO II - "A Psicanálise Kleiniana".....Pág. 55

4. CAPÍTULO III - "Tornar-se Kleiniano".....Pág. 82

5. CONCLUSÃO.....Pág.124

6. BIBLIOGRAFIA.....Pág.127

7. APÊNDICE.....Pág.132

*****

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é empreender uma análise de alguns dos múltiplos sentidos que transbordam do discurso e da prática de psicanálise mais difundido em nosso meio - o discurso kleiniano. Com esse objetivo, centramos nossa atenção sobre a fala dos psicanalistas, agentes desse saber, acerca de sua prática, de sua função, da teoria que a ampara, de seu processo de formação, de sua representação ideológica, na tentativa de lançar alguma luz sobre as intenções políticas e sociais que norteiam, implementam e portam a produção e proliferação do discurso kleiniano, bem como sua implantação no espaço institucional e sua difusão no campo social. Interessa-nos, sobretudo, avaliar os efeitos desse processo a nível da auto-representação dos analistas sobre essas diferentes questões.

A demarcação desse campo de análise, visando a circunscrever nossa temática, não implica certamente em ignorar a extensa relação desses temas com outros a eles articulados e, muito menos, expressa a intenção de esgotar o que estabelecemos como nossa área de análise. Pelo contrário, constitui-se numa tentativa de avaliação dessas questões sob alguns ân-

gulos que consideramos fundamentais. Pretendemos, a partir daí, traçar algumas linhas de fuga que apontem, mesmo que fugazmente, mesmo que obliquamente, para o contorno de alguns engendramentos sociais, políticos e históricos dessa que tem sido uma psicanálise plena de eficácia a nível de sua penetrabilidade nas esferas do social e da sua profusão nas instituições, sejam aquelas de cunho social diversificado, sejam aquelas encarregadas da manutenção e reprodução da psicanálise, as instituições psicanalíticas propriamente ditas,

Partindo da constatação de que dentro do quadro de difusão da psicanálise no Brasil foi justamente a corrente kleiniana que proliferou e disseminou-se abundante e abusivamente no espaço social, e, para tanto, utilizou-se de estratégias específicas, próprias, que, embora compartilhadas com outros discursos e outras "tecnologias do self"[1], adquiriram uma feição muito própria no transcurso tanto da implantação da psicanálise nas instituições de formação, sua apropriação por essas instituições enquanto identificadas com a psicanálise, como no transcurso da implementação desse discurso em amplas esferas do social, lançamos mão de algumas hipóteses norteadoras do trabalho.

Consideramos, como principal hipótese, a de que a psicanálise kleiniana, embora partilhasse de vários temas ideológicos com outros saberes, e mesmo outras correntes psicanalíticas,

[1] FOUCAULT, M. - Sobre a Genealogia da Ética, "O Dossier", org. Carlos Augusto Escobar, Rio, Livraria Taurus Editora,1984,pg.41.

imprimiu à sua temática uma marca muito própria que, articulada aos termos de seu discurso, proporcionou táticas de difusão d e grande alcance e eficácia - é esta a psicanálise que está pre - sente no dia-a-dia das pessoas de nosso meio, nas minúcias d e seu quotidiano. Assim, o que queremos afirmar é principalmente que a temática ideológica que a impregna é de enorme valor táti co dentro das estratégias de difusão, conforme desenvolveremos no Capítulo III.

É esta temática que vamos buscar na fala dos psicanalistas, no seu discurso explícito, na forma de representar para si próprios os sentidos do saber que os orienta. Não ignoramos certamente os efeitos do contexto social, histórico, político, econômico e cultural mais amplo, tanto na determinação da produção dessa corrente em psicanálise, como nas transformações por que passou, na assunção de suas características peculiares n o decorrer de seus diversos percursos históricos - na Inglaterra, na Argentina, no Brasil. Mas não pretendemos focalizar nossa análise nessa rede de determinações. Pelo contrário, tomando-a na sua concretude, vamos, no entanto, transpô-la para o lugar de pano de fundo, situando-a como horizonte para nossas ques - tões. Desse ponto de vista, importa menos avaliar a difusão no seio das instituições propriamente psicanalíticas, suas técnicas de implantação, suas estratégias de hegemonia, do que a s representações desse processo por parte dos psicanalistas: como,

enfim, eles representam para si próprios, dentro do ideário pertinente, esse processo, as razões que o determinaram, seus efeitos consequentes. Da mesma forma, interessa avaliar as representações desses analistas a respeito da difusão no campo social mais amplo, seja nas instituições não psicanalíticas como as escolas, os hospitais, etc., seja nas instâncias sociais como a família, seja a nível das produções culturais, seja a nível dos discursos habituais produzidos no quotidiano da vida das pessoas.

Conforme assinalado, tomamos essa corrente psicanalítica como nosso alvo na medida em que verificamos tratar-se do discurso que proliferou em nosso meio, a saber, especificamente o Rio de Janeiro. Em relação a esse meio, evitamos fazer distinções de classe, na medida em que são nos parece possível situar dessa forma o espaço de disseminação do discurso psicanalítico, posto que verificamos sua presença não apenas nos setores "favorecidos" da sociedade como também, de forma bastante diferente, nos setores populares. Preferimos, então, deixar entre parênteses essa questão. Julgamos, todavia, necessário,para elucidar algumas das especificidades do discurso kleiniano, sua forma de inscrição no campo psicanalítico, situá-lo em seu contexto discursivo mais amplo,seu solo de origem conceitual, a psicanálise como sistema de pensamento fundado por Freud.

Nesse sentido, cabe assinalar que não é acidental à

psicanálise sua vocação expansionista, nem tampouco independe de sua "verdadeira natureza" que esse discurso tenha se disseminado no espaço social. Não é sobretudo à revelia de sua essência que as categorias psicanalíticas se mostrem tão "flexíveis" a ponto de a rigor poder-se fazer psicanálise de quase tudo, até da própria psicanálise: se as vicissitudes do movimento psicanalítico não se encontram escritas em seu discurso teórico explícito, inscrevem-se em suas entrelinhas, mas também em sua superfície, como intencionalidade política, e é nesse sentido que buscamos analisar a fala de seus agentes.

Pressupomos assim que toda produção de saber porta em si uma intenção: traz inscrita na sua superfície uma vontade de poder.[2]

A psicanálise, por um lado, projetou-se no espaço social de uma forma maciça e minuciosa, partilhando com outras instâncias, e progressivamente de forma mais dominante e eficaz, o controle sobre a vida dos homens, seu quotidiano, sua intimidade. Saber sobre a subjetividade, uma certa interioridade constituída modernamente, ofereceu-se como discurso e prática sofisticados para determinadas condições de difícil normalização, obturação social. Assim é que, produzida no mesmo solo que funda o objeto de sua prática, encontrou-se sempre imersa na conflituosa muitiplicidade de projetos que se produzem nesse mesmo espaço epistemológico e social, travando luta por supremacia. Resul

[2] FOUCAULT, M. - História da Sexualidade I - A Vontade de Saber Rio de Janeiro, Graal, 1985, pág. 90.

ta que, mesmo tendo sua trajetória marcada por percalços, dissabores e obstáculos próprios, obteve êxito em seu projeto de hegemonia sobre outras práticas sociais alternativas de intervenção sobre o psíquico, o privado, os relacionamentos entre os homens. As resistências a ela foram em grande parte habilidosamente neutralizadas ou reduzidas a proporções controláveis, facilmente incorporáveis às artimanhas e dispositivos de seu próprio discurso, quando não absorvidas nas suas próprias e ambíguas entrelinhas.[3]

Ao lado disso, a expansão da psicanálise, para além de seu lugar - médico-clínico - de origem , significou também a proliferação das instituições que se destinam ao resguardo de seu saber e à manutenção e reprodução de suas condições de produção num sentido mais estrito, isto é, incidindo sobre a prática de seus agentes.

A psicanálise, vale aqui lembrar, não se encontra, certamente, à sombra das condições econômicas, sociais, políticas que regem o mundo ocidental. Inserida no sistema de produção, reproduz em seu discurso teórico e em seus procedimentos técnicos as condições de possibilidade desse modo de viver e produzir. Dessa forma, também sua vida institucional está iluminada por esse prisma, delineando-se os rumos tomados, tanto pela instituição da psicanálise enquanto modo de viver o afetivo, o privado,

[3] FOUCAULT, M. - História da Sexualidade I - A Vontade de Saber Rio de Janeiro, Graal, 1984, pág.

o "psi" disseminado na vida social, como pelas diversas instituições encarregadas da regulação e normatização de seu exercício pelos seus agentes nomeados, ao sabor dos ventos sociais, políticos e históricos.[4] Isso não implica certamente que a psicanálise enquanto projeto específico se destitua de suas intenções próprias, operadas de modo particular às suas características, mas que as formas institucionais que assume estão intimamente articuladas às condições que propiciam a sua emergência e recortam o seu espaço de aplicação[5].

Supomos, assim, que tanto a instituição da psicanálise como as diversas instituições psicanalíticas trazem no bojo de seu projeto teórico e prático as marcas de suas intenções políticas, tanto a nível do que é específico ao seu projeto próprio como do que é forjado na sua articulação com outros projetos (de classe e outros). Dessa maneira, as diversas correntes em que se ramificou a psicanálise traduzem num nível conceitual, com extensas implicações práticas, modificações tanto do contexto social e político como, e concomitantemente, do projeto próprio do saber psicanalítico numa dada circunstância histórica.

Muitos estudos tem sido feitos tanto do ponto de vista histórico e sociológico como do ponto de vista interno à psi

---

[4] CASTEL, R. - O Psicanalismo, Rio de Janeiro, Graal, 1978.

[5] ALBUQUERQUE, G. DE - Psicanálise dos Conflitos Profissionais ou Conflitos Profissionais da Psicanálise? in Psicanálise e Sociedade, org. Chaim Samuel Katz (ed.) Belo Horizonte, Interlivros, 1977, pág. 39.

canálise[6]. De maneira geral, estes estudos abordam as condições históricas e sociais como fatores determinantes ou contextuais dos rumos do movimento psicanalítico, mas quase sempre de forma a considerá-los como moldura do quadro psicanalítico, reservando, assim, um espaço teórico, intra-científico, onde algo de exclusivamente interno ao saber se manifestaria.

Outros estudos, de ordem sociológica ou histórico-política, abordam a psicanálise do ângulo de sua produção histórica e social, na tentativa de apreender os matizes tomados pela sua difusão e disseminação no espaço social[7]. Estes estudos, no entanto, tomam a psicanálise como um bloco unificado, não diferenciando os discursos produzidos em seu interior.

Ainda outros trabalhos abordam as diversas modificações imprimidas à teoria psicanalítica original, mas de um ponto de vista exegético, depurador dos excessos e desvios - da vocação libertária da psicanálise[8].

Nossa proposta* busca apreender o sentido político das modificações teórico-técnicas imprimidas ao pensamento freudiano pelo discurso kleiniano na forma como se manifestam na fala dos

---

[6] BAREMBLITT, G. - Progressos e Retrocessos na Psicanálise, São Paulo, E.P.U., 1979.

[7] FOUCAULT, M.(21); CASTEL, R.(6); DONZELOT, J.(12); COSTA,J.F(11).

[8] LACAN, J. (42); MANNONI, M. (48); PONTALIS, J.-B. (53);

*Esta proposta encontra parentesco na temática abordada por Joel Birman em seu trabalho intitulado "Casa de Ferreiro, Espeto de Pau", da coletânea organizada por Gisálio Cerqueira Filho "Crise na Psicanálise"(Rio, Graal, 1982, pg. 139).

analistas, agentes corporificadores desse saber, tendo por horizonte referências históricas, políticas e institucionais. Não buscamos, assim, abarcar a amplitude do fenômeno psicanalítico em sua multiplicidade de sentidos mas demarcar uma área de foco, aliando pressupostos de uma teoria do poder segundo a qual o saber não é mera produção de conhecimento mas inclui uma estratégia de apropriação de seu objeto e uma teoria do social que o tome como produção concreta e positiva e não como categoria conceitual.[9] Vale asseverar que nosso trabalho não toma a psicanálise sob seu ângulo intra-científico, ou intra-teórico: não nos interessam as relações entre seus conceitos, sua coerência ou rigor, nem tampouco estão em jogo a eficácia de suas técnicas, a validade de sua prática no atendimento às formas do sofrimento psíquico. Nossa análise não incide sobre o mérito das diferenças e rupturas produzidas no desdobramento do movimento psicanalítico e que deram início especificamente à escola kleiniana. Assim, se em determinado momento visa a avaliar uma problemática aparentemente interna ao saber - a produção de conceitos e preceitos técnicos, tem em vista a organização política desse saber.

Cabe, portanto, esclarecer que buscamos apoio metodológico nas noções de poder de Michel Foucault (21), de social de Jacques Donzelot (12), bem como nossas referências aos temas ins-

---

[9] KATZ, C. S. - A Psicanálise no Campo Social e Psicológico: Outras Notas, in Psicanálise e Sociedade (Chaim Samuel Katz, ed.) Belo Horizonte, Interlivros, 1977, pág. 76, e DONZELOT, J. A Polícia das Famílias, Rio de Janeiro, Editora Graal, 1980, respectivamente em relação à teoria do poder e a teoria do social.

titucionais encontram-se orientadas pelas definições de Guilhon de Albuquerque (25), da mesma forma que o fenômeno da difusão é considerado de acordo com os elementos propostos por Sérvulo Figueira (17).

Pretendendo situar o campo de questões a partir de um critério metodológico, julgamos necessário colocar, no primeiro capítulo, um panorama histórico que situasse, em condições genéricas, o contexto de emergência do saber psicanalítico. Tratamos, assim, de circunscrever e definir as condições de possibilidade da psicanálise à luz da história política e social empreendida pelos autores referidos.

No "Nascimento da Psicanálise" (Capítulo I), é antes a ascensão da nova ordem social que está no centro da questão e em cujo seio o surgimento do social se produz e se inscreve a psicanálise. Nesta ótica, comentamos algumas questões da psicanálise que nos parecem fundamentais.

O Capítulo II - "Psicanálise Kleiniana" - tem por objetivo uma tentativa de descrição, certamente repleta de intenções, de balisamentos, de demarcações e, enfim, de metas, do discurso kleiniano. Pretendemos elucidar sob determinados ângulos o processo de constituição dessa modalidade do saber psicanalítico a partir de Freud, seus desdobramentos, deslocamentos, rupturas,

diferenças, compondo, assim, um quadro teórico de base, ou antes um mosaico que nos servisse como instrumento de trabalho na análise de nossa hipótese.

O Capítulo III configura uma tentativa de análise da auto-representação dos analistas acerca de sua prática, da teoria que a suporta e dos efeitos de sua difusão. Realizamos, para isso, entrevistas de maneira geral guiadas por um roteiro(*) pré-determinado por nossos objetivos, com dez psicanalistas formados entre final da década de 50 e final da década de 60, período de ascensão da psicanálise em nosso meio, de diferentes instituições, em sua maioria filiados às sociedades ligadas à I.P.A. (International Psychoanalytical Association) e identificados como analistas de orientação kleiniana. Encontramos no discurso proferido por esses analistas temas que julgamos os mais expressivos de seu ideário e em cuja análise nos centramos.

Cumpre,por fim, afirmar que não temos a pretensão de haver definido ou constatado o que de mais exclusivo se produziu na teia do discurso kleiniano. Sabemos que os temas emergentes em nossa análise atravessam vários outros discursos hegemônicos produzidos no campo "psi", disseminados em outros meios sociais (a Psicologia do Ego, nos Estados Unidos, por exemplo) e inseridos numa ordem maior - a civilização ocidental, diríamos. Optamos por essa temática unicamente movidos por sua expressividade maior no solo brasileiro.

(*) Vide modelo de questionário no Apêndice I, ao final da tese.

CAPÍTULO I

O NASCIMENTO DA PSICANÁLISE

Este capítulo tem por objetivo situar, de forma ampla, num contexto histórico, social e político, o surgimento da psicanálise.

A fundação do saber psicanalítico por Freud no final do século passado expressou, segundo concepções que sustentam esse trabalho, um determinado deslocamento político na realidade social européia. Deslocamento certamente não repentino nem inusitado mas forjado pelas transformações que já então se operavam na sociedade da época. Podemos afirmar, grosso modo, que o século XIX viveu a consolidação e o florescimento das novas tendências que, produzidas a partir de meados do século XVIII, alcançaram sua afirmação nesse período seguinte. Assim, se conforme assinalado por Donzelot[10] e Foucault[11], desenvolveu-se a partir de meados do século XVIII um projeto médico-higienista e pedagógico que, intimamente articulado a um novo modus vivendi de uma nova classe social então emergente, vai-se disseminar por

---

[10] DONZELOT, J. - A Polícia das Famílias, Rio de Janeiro, Graal, 1980.

[11] FOUCAULT, M. - Historia da Sexualidade I - A Vontade de Saber Rio de Janeiro, Graal, 1985.

determinadas sociedades européias, podemos então melhor apreender os matizes assumidos pelos novos saberes então produzidos. Podemos articular uma recomposição desse mosaico de idéias e modos de ser que então afloram.

Na Antiga Ordem (L'Ancien Régime) os modos de viver e morrer se ritmavam por cadências bastante diferentes das que vigorarão a seguir. As linhas demarcadores dos bons comportamentos, da afetividade adequada, da produção das relações, eram linhas que a nossos olhos contemporâneos se mostram tênues, permeáveis, marcadas por outra ordem, bastante diferente da que a seguir se produzirá. A sexualidade,não regida pelos padrões da complementariedade conjugal, deslocada da primazia da família, excedia o espaço familiar, transpunha os portões, tênues, que a separavam do espaço público. Mecanismos que, em referência aos sucedâneos, eram frouxos, regulavam as vidas das famílias aristocráticas ou "de posses".

A família, embora detivesse uma importância patrimonial, não era a instância principal da vida quotidiana. Era na via pública, nas praças, nos salões, que os fatos prioritários, as relações importantes se davam. Os homens transitavam entre a vida pública e a vida privada sem trilharem fronteiras nítidas,distintas. Conforme assinala Ussel[12]:

---

12 USSEL, Repressão Sexual, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1980.

> Mas a família era uma "vida de comunidade" sem interações emocionais intensas, s e m grande intimidade nem interioridade. A fraca socianbilidade no interior da família opunha-se uma espessa trama de relações sociais fora da família... A casa conservava um caráter meio público... Os criados, os amigos, os parentes, os aprendizes e os visitantes eram ali albergados e alimentados. A própria família perdia-se nesta sociedade.

As crianças, sem ocuparem o lugar central na ordenação familiar, também perdiam-se entre os adultos. Podemos aventar a hipótese de que se a essa família o patrimônio era algo a ser agenciado, trocado, repassado mas não a ser produzido como impelirá o bom espírito burguês, não havia por que trazer ao centro a produção e promoção da família nuclear e suas crianças. É o espírito burguês que, na promoção do patrimônio, promove a família e promove o amor familiar. O amor conjugal, o amor às suas crianças torna-se a mola mestra, o motor, o alimento dessa agora "cellula mater" que é a família produtora do patrimônio. Amor produtivo, produção do amor, tudo se passa em referência a um futuro organizador: os bens que advirão, o "bom desenvolvimento" que se dará aos corpos regrados e produtivos que desde cedo se preparam. Como sintetiza Gilles Delleuze, no seu prefácio ao livro de Donzelot "A Polícia das Famílias":

> Preocupação com a descendência, mais do que orgulho com a ascendência.[13]

---

[13] DONZELOT, J. - A Polícia das Famílias, Rio de Janeiro, Graal, 1980, pág. 4.

Nesse mesmo sentido, analisa Foucault a transposição de alguns procedimentos de demarcação e manutenção do estatuto de classe, da nobreza para a burguesia, assinalando, aí, os deslocamentos que caracterizarão as formas próprias de constituição da sexualidade burguesa em sua relação com o assentamento político da classe burguesa:

> Não imaginemos a burguesia se castrando, simbolicamente, para melhor recusar aos outros o direito de ter um sexo e usá-lo a seu bel-prazer. Deve-se, ao contrário, vê-la, a partir da metade do século XVIII, empenhada em atribuir a si, a partir dela, um corpo específico, um corpo "de classe" com uma saúde, uma higiene uma descendência, uma raça: autossexualização do seu próprio corpo, encarnação do sexo em seu corpo próprio, endogamia do sexo e do corpo. Havia, sem dúvida, diversas razões para isso...
> ...a aristocracia nobiliárquica também afirmara a especificidade de seu próprio corpo. Mas era na forma do sangue, isto e, da antiguidade das ascendências e do valor das alianças; a burguesia, ao contrário, para assumir um corpo, olhou para o lado de sua descendência e da saúde de seu organismo. O "sangue"da burguesia foi o seu próprio sexo.[14]

O trecho acima aponta para a proposta de uma nova teoria do poder, e atende a ela. Tomá-la em relação a uma representação jurídica e negativa do poder, que o pense em termos de lei, interdição, liberdade e soberania equivaleria a supor que

---

[14] FOUCAULT, M. - História da Sexualidade I - A Vontade de Saber Rio de Janeiro, Graal, 6ª Ed., 1985, pág. 117.

assim, uma nova ordem burguesa teria passado a legislar a sexualidade de modo a interditá-la, bloqueando a sua livre expressão e prática, em oposição aos procedimentos já caracterizados, do Antigo Regime. Teria a burguesia passado a reger a sexualidade ao modo da lei e da soberania? O que nos revela Foucault, num exame mais rigoroso, e sobretudo orientado segundo outra ótica, é que as coisas não se passaram, na história recente das sociedades burguesas modernas, assim.A sexualidade não é absolutamente excluída das estratégias políticas do assentamento de classe da burguesia, mas o eixo principál dessas estratégias. A "ordem" era fazer falar a sexualidade, inscrevê-la no registro social, descrevê-la no discurso corrente, teorizá-la no saber. O fenômeno "repressão sexual", aparentemente silenciador da sexualidade, inclui-se entre os dispositivos que acionaram o discurso sobre a sexualidade, colocando-a em pauta e no ordem do dia.

Assim, a industrialização progressiva, a hegemonia da classe burguesa, o surgimento de um novo Estado ancorado nas demandas mais e mais exigentes dessa classe preparavam o solo de transformações intensas na vida dos homens. Uma nova ordenação desse espaço social se fazia necessária. Era preciso que o Estado, para efeito da manutenção desse projeto de produção industrial, disciplinado, dependente de um ajustamento imprescindível a um modo de ser ordenado, obediente, regulado, e a burguesia associada a esse projeto, se propusessem à regência das pequenas

realidades, dos minúsculos quotidianos, nos quais se teciam as formações do espaço social. Como sintetizado na citação abaixo:

> Considerado sob o ângulo econômico, o feudo ou a casa grande representavam uma unidade de produção autônoma, pois tudo que era necessário ao consumodo grupo era produzido por ele. A divisão social do trabalho e, consequentemente, do conhecimento, era pouco diferenciada, determinando pouca descontinuidade entre a socialização primária e a secundária. A racionalização e fragmentação dos processos de produção (fenômeno decorrente do processo industrial) tornou a área econômica cada vez mais autônoma e mais segregada, por um lado, das instituições políticas e, por outro, da família. A industrialização esvazia progressivamente o feudo como modo de produção e a família nuclearizа-se. Em consequência disso, o papel socializador da família restringe-se e instituições externas a ela passam a se responsabilizar pela educação para o trabalho, pelo ensino das habilidades específicas para o exercício de uma dada atividade. Socialização primária e secundária se diferenciam.[15]

Essa sociedade industrial emergente iria, assim, instaurar toda uma nova e expansiva forma de reger, no lugar do minucioso, do fragmentado, do corpuscular, os modos de ser e de morrer dos novos homens.[16]

Donzelot mostra-nos muito bem como o surgimento do Estado Moderno e o fim do poder patriarcal implicou na eleição da família como lugar produtor desse controle sistemático e minucioso

---

[15] SANTOS, T.C. e RUSSO, J. - Psicanálise e Casamento, in Família, Psicologia e Sociedade, Rio de Janeiro, Campus, 1981, pg.287.

[16] DONZELOT, J. - A Polícia das Famílias, Rio de Janeiro, Graal, 1980.

capaz de regular, disciplinar e formar os novos e espartanos corpos geradores da produção, encarnadores das novas formas de poder. Lugar também privilegiado para a criação dessa nova forma de interioridade que é a esfera da intimidade psicológica. Essa família, primordial na produção e manutenção da nova ordem, antes ancorada na preservação patrimonial, torna-se conjugal, doméstica, circunscrita, reclama a si o cuidado sobre as crianças, sobre sua educação, sobre sua saúde, tomando, inclusive, a mulher como aliada. Novas exigências emocionais são então tecidas nesse espaço social reservado que se opõe, necessariamente, ao exterior, dicotômico. Deflagra-se uma dicotomização clara, distinta, entre o público e o privado. Não é mais possível manter essa continuidade fora/dentro de casa, sob o risco de expor essa matriz burguesa aos agora perigosos riscos da promiscuidade das classes populares. E isso se processa tanto no espaço físico quanto emocional.

Acerca das novas formas de discriminação, do novo "racismo de classe" que a burguesia engendra a partir do século XIX, citamos a seguinte passagem de Foucault[17]:

> Mas esse (racismo) é bem diferente do manifestado pela nobreza, ordenado em função de fins essencialmente conservadores. Trata-se de um racismo dinâmico, de um racismo de expansão... (...)...ela (a burguesia) converteu o sangue azul dos nobres em um organismo são e uma sexualidade sadia. (...) ...Para que o proletariado fosse dotado de um corpo e de uma sexualidade, para que sua saúde, seu sexo e sua reprodução constituíssem problema, foi necessária uma série de conflitos (especialmente com respeito ao espaço urbano: coabitação, proxi-

> midade, contaminação, epidemias, como a cólera de 1832 ou ainda a prostituição e as doenças venéreas)...[17]

Modifica-se a arquitetura das casas: surgem novos compartimentos, novas peças de mobiliário, as portas se trancam. As fronteiras entre o interior e o exterior da casa se tornam mais nítidas. O que poderia haver de mais claro do que as intenções presentes nessa citação de Donzelot:

> O quarto de dormir deve transformar-se no centro virtual, invisível para os filhos*. Ele é, segundo Fonssagrives, "a pequena capital do reino pacífico do casal". Para os filhos é necessário "um quarto, ao lado do quarto dos pais, que retire, a uma vigilância oculta, o que ela teria de vexatório se fosse mais aparente, deixando-lhe a eficácia".[18]

Ancorado nessas transformações, articula-se a nível do saber e das estratégias de domínio sobre a realidade social o projeto médico-higienista e pedagógico. Torna-se necessário ensinar as famílias a se tornarem as novas famílias, formarem-se sob o espírito de sua importância, forjarem-se à consciência de sua centralidade, microscópicos estados na vigilância dos corpos, das vidas encarnadoras desse novo modo de ser. Instala-se a família ao redor de suas crianças, regida pela conjugalidade matrimonial, não sem tensão ou conflito com o Estado, na medida em que, investida de tamanho poder, mão pode esquivar-se

---

[17]FOUCAULT, M. - op. cit. págs. 118/9.
[18]DONZELOT, J. - op. cit. pág. 45.

* Fazemos alusão aqui à relação de sentido que esta citação estabelece com a noção de "cena primária" em Freud.

do confronto com esse outro grande poder. Voltemos a Foucault:

> Talvez exista uma razão histórica para isso: As grandes instituições de poder que se desenvolveram na Idade Média - a monarquia, o Estado com seus aparelhos - tomaram impulso sobre um fundo de multiplicidade de poderes pré-existentes e, até certo ponto, contra eles: poderes densos, intrincados, conflituosos, ligados à dominação direta ou indireta sobre a terra, à posse das armas, à servidão, aos laços de suzerania e vassalagem. Se elas conseguiram se implantar, se souberam fazer-se aceitar, beneficiando-se de uma série de alianças táticas, é porque se apresentaram como instâncias de regulação, de arbitragem, de delimitação, como maneira de introduzir ordem entre esses poderes, de fixar um princípio para mitigá-los, e distribuí-los de acordo com fronteiras e hierarquia estabelecidas. Essas grandes formas de poder funcionaram, diante das potências múltiplas, e em confronto, acima de todos esses direitos heterogêneos, como princípio do direito, com a tripla característica de se constituírem como conjunto unitário, de identificar sua vontade com lei, e de se exercerem por meio dos mecanismos de interdição e sanção.[19]

Modifica-se com isso a organização social dos sentimentos e valores devotados à família e nela produzidos. É principalmente a Medicina, arrastando a si a Pedagogia, que vai tomar a seu cargo a consecução desse projeto, forjando-o à sua imagem, esboçando uma teoria incipiente e, embora cientificista, sempre deixando clara sua independência desses cânones do saber. Descobre que esses corpos e almas, para se forjarem sob essa égide, precisam ser disciplinados, planejados, e portanto higienizados, prevenidos contra os males da promiscuidade - insalubridade, das pai-

[19] FOUCAULT, M. - Op. cit. pág. 84.

xões, e outros focos infecciosos, epidêmicos. Mas a Medicina, particularmente a psiquiatria emergente, e a Pedagogia, não dispunham de meios eficazes para operar no interior daquilo que então se constitui como subjetividade, nesse espaço ambíguo, fluido, sutil, das emoções tecidas na privacidade do lar. Oparavam com dispositivos disciplinares rígidos, incapazes de daremconta das demandas desse espaço privado, carente, contudo, de normalização, ou seja, de processos pelos quais adaptar-se, dissipando ou neutralizando áreas de resistência, de conflito, tecidas na própria relação de oposição e vinculação com outras instâncias como o Estado, áreas invisíveis para as malhas grosseiras da disciplinarização psiquiátrico-pedagógica. Porque se a psiquiatria se lançou como agente desse processo e na sua tarefa de disciplinarização, de combate à flacidez dos costumes e modos de ser, lançou também as bases para a incorporação dos desvios e resistências, mostrou-se, contudo, insuficiente como estratégia para dissolver os fantasmas e entrelinhas desses modos de sentir e representar constituídos na microscópica área de ação familiar. Duas linhas mestras foram cruciais nessa nova disposição de poderes: o deslocamento da autoridade patriarcal e o correlato atrelamento da mulher enquanto aliada às estratégias de controle da força de trabalho dos servos libertos do poder feudal[20].

---

[20] Esse aspecto é extensamente desenvolvido por Donzelot na "Polícia das Famílias" (obra já citada).

É nessas condições que surge então a Psicanálise, enquanto saber que, ancorado nesse espaço ambíguo, descentrado, da interioridade humana fundada no âmbito familiar, toma a seu cargo a articulação das novas necessidades criadas por essas novas condições acima descritas, atendendo às demandas de reajuste e readaptação do novo modelo familiar. E, desde o início, a Psicanálise tratou de travar alianças com a Medicina, a Pedagogia e a Higiene, deslocando-se mais e mais de sua trincheira primeira - o consultório - expandindo sempre o universo de sua prática social.

Dessa maneira, a Psicanálise trouxe sempre em seu bojo a veia e a marca de um saber que, embora dentro de certa autonomia e portador de um discurso específico, diferente do discurso médico, veio suprir necessidades onde as técnicas médicas falharam[21][22]. Com sua rígida dicotomia entre saúde e doença, sua taxonomia nosológica, a Medicina daria conta de espaços institucionais onde ainda seria preciso intervir severamente, realizar distinções claras, como o asilo psiquiátrico "autoritário", mas não disporia de instrumentos capazes de esquadrinhar a ambígua, dispersa, invisível e disseminada nova ordem da emocinalidade proporcionada pela primazia das relações familiares. Estas necessitam de reguladores mais flutuantes, mais "democráticos", como os fornecidos pela prática psicanalítica em todas as suas modalidades.

---

[21] CASTEL, R. - O Psicanalismo, Rio de Janeiro, Editora Graal, 1978.

[22] Essa descontinuidade entre a psicanálise e a psiquiatria é explicitamente tratada por Foucault na obra anteriormente citada.

É importante assinalar que para Castel a Psicanálise se situa como um prolongamento da Medicina, seja arrastando a si a ideologia médica[23], seja projetando-se como uma forma aprimorada e matizada de realização do projeto disciplinar (médico). De qualquer modo, tanto para Castel como para Foucault a Psicanálise também soube produzir, e alimentar-se, de intenções próprias. Para efeito de nosso trabalho, julgamos desnecessário tomar partido nessa questão bem como em relação a uma outra possibilidade, que julgamos tentadora, que sugere um certo destacamento, produtor de uma significativa diferença, da Psicanálise em relação ao seu solo de origem, se assim podemos designá-lo[24].

Situar a Psicanálise dentro do processo de difusão que sofreu exige o confrontamento com certas especificidades, certas características suas muito próprias. Se até determinado momento na obra de Freud podemos fazer uma leitura mais linear de um discurso científico, preocupado em situar-se teoriocentricamente[25], em buscar nas modalidades de sua lógica interna suas razões, sua racionalidade, seus objetivos, é tanto ao nível de outras veias que penetram o seu discurso teórico como do que se evoca a nível da história do movimento psicanalítico inicial que podemos perceber as vias de expansão e disseminação que explicitamente anunciavam o projeto de difusão desse saber.

---

[23] CASTEL, R. - op. cit.

[24] ALTHUSSER, L. - Freud e Lacan in Estruturalismo, Antologia de Textos Teóricos, Lisboa, Portugália Editora, 1966.

[25] KATZ, C. S. - Psicanálise e Instituição, Rio de Janeiro, Editora Documentário, 1977.

Produzido na esfera intimista, sugestiva, do encontro a dois, da clínica, da relação com a fantasia e o divã, é deste mesmo lugar, sobre o discurso da histérica, as histórias e os romances da sexualidade infantil, que esse saber terá o que dizer, o que formular sobre os modos de ser, de se organizarem as idéias e os sentimentos, de se produzirem a cultura e a civilização, a relação entre os homens e o que são esses homens.

A nível dos saberes, incursões pela Antropologia, a Medicina, a Pedagogia... A nível das ideologias quotidianas, incursões sobre os aparelhos de controle, como a escola, o hospital, etc., bem como a família, as relações humanas,os cuidades sobre as crianças, a educação, a formulação dos costumes. Seja a nível do que Freud e a Psicanálise, inicialmente identificados, tinham a dizer sobre os outros saberes e os modos de ser, seja a nível dos deslocamentos e lutas políticas travadas na história primordial do movimento psicanalítico, podemos constatar a convivência às vêzes paradoxal entre duas tendências básicas: aquela que recoloca a todo instante a Psicanálise dentro de seu espaço de formulação precípuo, que a situa quer como terapêutica, no espaço interno da Medicina, quer como relação com a formulação da subjetividade, no espaço interno das ciências humanas e sociais, e aquela que requisita a psicanálise e a faz transpor essas portas para se fazer definitivamente instalar como uma "weltanschaaung" - uma forma disseminada e minuciosa, expansiva e total, como toda ideologia, de compreender o mundo e a "si-próprio".

"Si-próprio", "self", "eu","eu privado",lugar primeiro da realização individual, complexidade psicológica onde se acumulam diferentes camadas de "eu", onde a mais "verdadeira" se identifica com a mais íntima. Todas essas produções se engajam no contexto político e econômico. Se interessava à burguesia liberar, para venda, a força de trabalho dos homens, não poderia, por outro lado, adotar para isso estratégias autoritárias, identificadas a umpoder central. Intervenções "científicas", em nome da neutralidade do conhecimento, então se produzem.

Detenhamo-nos nesse momento na especificidade própria do saber psicanalítico. De princípio, ao erigir seu objeto (ou objetos, quer sejam a subjetividade humana, o aparelho psíquico, o inconsciente), ele o faz em condições teóricas tais que torna-se impossível ao ser humano constituir-se enquanto tal sem sua inscrição na ordem familiar. A entrada do indivíduo na História, na sua história, é demarcada pela triangulação edipiana e as vicissitudes desse processo. Toda a problemática da castração, do Édipo, que recortam o indivíduo do "promíscuo" mundo da simbiose e da indiferenciação, é vivida no palco familiar, sobre o tripé pai-mãe-filho e suas variações. A cena primária não deixa dúvidas: fantasia que se refere a um "papai-mamãe" determinados, a uma família específica; fantasias, emoções... toda uma fina teia conceitual para recobrir esse espaço de sutilezas produzidas historicamente no dia-a-dia desses novos homens. A sexualidade desenvolve-se e estrutura-se a partir do espaço doméstico que, inclusive,de-

PUC-RIO

termina sua organização futura. Sexualidade infantil, inconsciente, recalque: três conceitos que, conforme assinalado pelos autores franceses, sustentam a Psicanálise.[26] No novo homem a sexualidade não surge "adulta", mas deve produzir-se, a partir da infância, escalonar-se até alcançar a genitalidade, seu ponto de fluidez e organização máximas. O que parece expressar, de forma inequívoca, o vínculo com essa nova família centrada na conjugalidade. As "formas anteriores" de exercício da sexualidade, "promíscuas", não teriam sido, grosso modo, transpassadas conceitualmente enquanto fases - oral, anal, fálica...- a serem sucessivamente reprimidas, canalizadas e organizadas sob a égide genital (metáfora da conjugalidade)? A perversão polimorfa não seria uma metáfora dessa sexualidade desregrada?

> Desejos, os há muito: perverso polimorfo. Ensinar-lhes-ão a falta, a cultura e a lei, quer dizer, a redução e a abolição do desejo.[27]

Ou, segundo nossa rota, sua submissão, como condição de produção. Mas para Deleuze, a psicanálise "odeia o desejo". E Delleuze fala de um desejo produtor e não faltoso, - questão que devemos, para nossos objetivos, contornar.

É corrente a afirmação de que a Psicanálise é um saber que se construiu via patologias. Diz-se habitualmente que Freud

---

[26] Citamos, entre outros, Piera Aulagnier, Serge Leclaire, Anika Rifflet-Lemaire, Maud Mannoni, além de Jacques Lacan, é claro.

[27] DELEUZE, G. - Quatro Proposições sobre a Psicanálise, in Psicanálise e Ciências Sociais, Rio, Francisco Alves, 1980, pg.199.

partiu do conhecimento do patológico para fazer elações sobre o normal. Em contato com as histéricas, Freud descobriu que sofriam de palavras, e palavras sexuais. Daí a famosa afirmação: "As histéricas sofrem principalmente de reminiscências"[28]. Existe, aí, privilegiada, no saber e nas práticas que daí advêm, toda uma via associativa, de resgate histórico, que pretende repercorrer o caminho das paixões singulares produtoras de um determinado modo de ser na atualidade. Os estados patológicos têm história, história familiar, e são assim definidos face a uma norma, norma também referida a uma concepção familiar. Mas só são assim reconhecidos por uma dupla referência: Em primeiro lugar, porque em Freud, mantém uma linhagem direta, de continuidade, com os estágios evolutivos normais (as perversões e as neuroses são estados referidos a determinados momentos pré-genitais, seja como fixação, seja como regressão, ambos conceitos freudianos, vinculam-se a fases pré-edipianas - oral, anal, fálica). Em segundo lugar porque, como falhas no processo de recalcamento, seja recusa à ordenação (não é o que se diz habitualmente em Psicanálise - que o perverso recusa a lei, a castração?), seja por ordenações mal estruturadas (neuroses), os doentes, os que sofrem de mal psíquico, os que são indivíduos patológicos, assim o são por relação a uma determinada normalização, centralizadora e hierarquizante: o normal é então um estado que, embora mantendo vínculo com o patológico, dele não se diferenciando por nenhuma disrupção absoluta,

---

[28] FREUD, S. - Estudos sobre a Histeria, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974, Vol, II, pág,.

mas trazendo dele marcas evolutivas, por relação às quais se constrói, se opõe a esse patológico via uma relação semelhante à que marca a oposição "legal/ilegal"[29], Será em relação a uma lei psíquica, de ordenação do sujeito, de constituição da subjetividade, que o patológico variará. Conflito com o Édipo, com a castração, resistências múltiplas e variadas ao primado da genitalidade, eis como se disporão as patologias.

É necessário sublinhar que no tripé anteriormente mencionado, a mãe ocupa posição privilegiada (como, na família burguesa, a "rainha do lar"), senão inglória - guarda as chaves tanto das possibilidades saudáveis quanto das patológicas (e todas as flutuações de nível). Detém o poder aprisionante de manter a criança numa ordem psicótica, de indiferenciação com ela mesma, impedindo-lhe o acesso à Lei do Pai (Lacan), bem como de assegurar lhe o atendimento das necessidades primitivas básicas, os "cuidados maternos primários" (Winnicott).

Assim, a Psicanálise elege a mão como a principal culpada/criminosa das dificuldades de socialização, de relacionamento, de exercício da sexualidade, e, praticamente, de todos os modos de ser resistentes ou conflituados com a nova ordenação emocional e social, para os quais a família é "o primeiro passo".

A função primordial que passa a ter, na Psicanálise,

---

[29] A esse respeito, cf. FREIRE, J. - Violência e Psicanálise, Rio de Janeiro, Graal, 1984, Capítulo 5.

a referência a leis organizadoras, não é totalmente inédita. O que parece inédito, no entanto, é essa referência acompanhada de uma reconhecida presença e positividade, no centro da teoria, da existência do desregrado (pulsões parciais, Id anárquico, etc,). Tudo se passa na verdade como se o perverso, o diferente, se fizesse reconhecer para melhor ser submetido ao primado da lei, simbolizado no Édipo; como se o inconsciente se fizesse aflorar para que melhor pudesse submergir, melhor pudesse silen ciar sobre os conflitos e as resistências. Técnica de amansar as paixões domar os ânimos pelo acolhimento, pela escuta, pela doação de sentido. Em outras palavras, o reconhecimento do desordenado apenas se dá por apelo à ordenação, enquanto elemento abarcável pelas possibilidades de normalização, hierarquização, e submissão a formas superiores de organização. É Delleuze quem nos lembra, evocando Castel:

> Toda a psicanálise está montada sobre a forma liberal- burguesa do contrato; mesmo o "silêncio" do psicanalista representa o máximo de interpretação que passa pelo contrato e onde este culmina. Mas, no interior do contrato externo entre o psicanalista e o paciente se desenrola secretamente, num silêncio ainda maior, um contrato de outra natureza: aquele que vai "converter" o fluxo da libido do paciente, trocá-lo em sonhos, fantasmas, palavras, etc., é no cruzamento de um fluxo libidinal, indecomponível e mutante, e de um fluxo segmentável que se converte em seu lugar, é nesse cruzamento que se vai instalar o poder do psicanalista. E, como todo poder, ele tem por objeto tornar impotente a produção de desejos e a formação de enunciados, numa palavra, neutralizar a libido.[30]

---

[30] DEL EUZE, G. - op. cit. pág. 204/5.

Ou ainda, o que também ilustra a questão da expansão:

> De como a psicanálise impede toda e qualquer produção de desejo. A psicanálise é inseparável de um perigo político que lhe é próprio e que difere dos perigos do velho hospital psiquiátrico. Esse constitui um lugar de internamento localizado. A psicanálise, ao contrário, funciona ao ar livre. O psicanalista, de certo modo, está na posição de que Marx falava a respeito do mercador na sociedade feudal: funciona dos poros livres da sociedade, não apenas ao nível dogabinete privado, mas também ao nível das escolas, das instituições, da setorização, etc. Esse funcionamento nos coloca numa situação singular com relação à empresapsicanalítica. O fato é que a psicanálise nos fala muito do inconsciente, mas, de certa maneira, sempre para reduzi-lo, destruí-lo, conjurá-lo. O inconsciente é concebido como uma contraconsciência, um negativo, um parasitismo da consciência. É o inimigo. "Wo es war, soll Ich werden" - que, em vão, se tenta traduzir por: "Lá, onde era lá, eu devo vir a ser" como sujeito - o que não muda nada, inclusive o "soll", esse estranho "dever no sentido moral". O que a psicanálise chama de produção ou formação do inconsciente são sempre malogros, conflitos imbecis, compromissos débeis ou grandes jogos de palavras. Uma vez, entretanto, que isso dá certo, há que ser sublimação, dessexualização, pensamento, mas nunca desejo - o inimigo que se aninha no coração do inconsciente.[31]

Não é certamente casual que é na relação com a loucura e a infância que a psicanálise tanto se sustenta como se depara com suas fronteiras, seus limites. A loucura, travestida em patologia, tal como prediz seu até então (no momento da assunção da psicanálise) estatuto psiquiátrico, enquanto estado de anormalidade, é pano de fundo para a cena psicanalítica. Será retomando

---

[31] DEL EUZE, G. - Op. cit., pág. 198.

fantasmas da loucura, como as fantasias, os sonhos e outras manifestações de desvario e desrazão, que a Psicanálise produzirá o seu discurso. Mostrará a racionalidade própria do discurso da histérica num certo momento[32]. Em outro, estenderá seu domínio teórico e produzirá uma racionalidade própria para a loucura, numa linhagem direta com a normalidade e a neurose[33].

É importante perceber que são muitas as fronteiras que se dissipam: Normal/patológico, normal/neurótico, neurose/psicose. Fronteiras que se penetram, mostrando com clareza a amplidão desse saber, a amplitude de suas possibilidades de intervenção sobre os mais sutis "estados de caráter", a magnitude de sua versatilidade, mobilidade e flexibilidade, sua força de homogeneização[34]. Saber e prática que se dobram sobre as minúcias da alma humana.

A infância, por sua vez, será momento privilegiado na escuta dessa história que a psicanálise busca. Momento de expressão e desvelamento, onde as histórias das pulsões e desejos se desdobrarão e se farão inscrever na superfície do inconsciente. São as vicissitudes dos desejos e do Desejo (para uma posterior leitura lacaniana) percorridas na infância que a transformarão

---

[32] FREUD, S. - Estudos sobre a Histeria, Standard Brasileira, Vol. II, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1972.

[33] Idem - Introdução do Narcisismo, Neurose e Psicose, A Perda da Realidade na Neurose e Psicose, St.Bras. Vols.XIV e XIX.

[34] FIGUEIREDO, A.C.C. - Estratégias de Difusão do Movimento Psicanalítico no Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ em 19/11/84.

na cena principal dessa teoria. Conforme assinala Gilles Delleuze:

> A Psicanálise vem inserir-se nesse ponto: teoria da mútua implicação essencial entre a lei e o desejo e, ao mesmo tempo, técnica para eliminar os efeitos da interdição lá onde o seu rigor a torne patogênica.[35]

Será em busca ou, pelo menos, em referência às marcas desse tempo que o processo psicanalítico se dará. Em contrapartida, será nesse tempo concreto, nesse tempo da infância que também uma área de resistência à psicanálise se erigirá. Situação jamais resolvida, a infância tal como a loucura resistem à psicanálise. Não é à toa que a psicanálise kleiniana se lança sobre esses espaços (cf. Capítulo II). Áreas centrais na teoria e que a ela resistem. A infância sob a forma concreta de um constante recuo por parte dos psicanalistas frente a ela, seja alegando motivos teóricos (ausência de transferência, de acessibilidade verbal à fantasia inconsciente, etc.) seja alegando dificuldades "sócio-afetivas", como dificuldade de lidar com a mãe, a resistência da mãe, etc. Como se observa, as resistências se passam no palco da prática, na produção de "técnicas eficazes". Também no que diz respeito à loucura. Tudo se sabe (psicanaliticamente) a respeito do louco e da criança, mas pouco se pode fazer (psicanáliticamente) por eles. Assim as alianças despojadas de qualquer embaraço ou pudor com a Pedagogia, a arte/ciência de educar, que acompanham os revisionistas "recuos" em direção ao ego, à consciência, à adaptação

---

[35] FOUCAULT, M. - op. cit., pág. ...

social. Ou os progressistas arroubos libertários, "anti", das psicanálises de inspiração purista, ortodoxa, lacaniana[36].

Na verdade, tentamos descrever os movimentos de um saber e uma prática dentro do contexto que os articula externa e internamente, seus avanços e recuos, tendo em vista seus caminhos de institucionalização[37], suas relações com outras instâncias como a família. Impõe-se, portanto, a necessidade de pensar a organização espacial, material, em que essas instituições se concretizam e que relações são possibilitadas a partir daí.

Organização espacial assimétrica na família e na psicanálise[38]. Na família os espaços se dividem, se organizam por funções e por habitantes. Quartos são para dormir, manter relações íntimas físicas ou discursivas (as "conversas"). Salas mantêm um acesso mais fácil ao exterior, onde é permitida a presença de estranhos no interior da casa. Surgem as fechaduras, os banheiros. A sala de jantar, a sala de estar. Os móveis e utensílios também se diferenciam: cama própria para o casal, em oposição às camas comunitárias. Só nesse momento se justifica a emergência de um saber aguçado para um fenômeno como a "cena primária", alçado a grande magnitude

---

36 Cf. a esse respeito, obras como "Um Lugar para Viver", "Educação Impossível" e "O Psiquiatra, seu Louco e a Psiquiatria" de Maud Mannoni.

37 ALBUQUERQUE, J.A.Guilhon - Metáforas da Desordem, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

38 Referimo-nos aqui ao período de surgimento do "social" como solo da psicanálise, segundo Jacques Donzelot ("A Polícia das Famílias", op. cit.).

no seio da teoria, atento para as discriminadas disposições e resoluções edipianas. Oposição interior/exterior, familiar/estranho, centralidade conjugal: todo esse cenário não é análogo ao cenário clínico psicanalítico - o "setting" - e similar ao cenário teórico da psicanálise? A disposição assimétrica entre poltrona e divã, a oposição neutralidade(distância)/proximidade que permeia a relação analítica e justamente permite o acesso às verdades que se encontram nas sutilezas e entrelinhas do discurso das paixões, não se assemelha às outras assimetrias, familiares, produtoras das sutilezas da organização emocional moderna? E não é o discurso psicanalítico que privilegia as ocupações espaciais burguesas, que centraliza o casal, a genitalidade? Que teoriza a castração, a cena primária, as vicissitudes da pulsão e sua poliformia na infância, regendo-as sob a égide da genitalidade, da lei, do Édipo? A sexualidade é engendrada na família, toma-a como primeiro objeto, mas regula-se pela proibição do incesto. É a psicanálise, enfim, abraçada à racionalidade do inconsciente, assentada sobre essa duplicidade de natureza desse inconsciente que irrompe sem sentido e recupera sua racionalidade em outro registro, mas sempre fugindo, escapando, resistindo, para apenas ser capturado pela ordem, na teoria, e resgatado, pelo silêncio, à normalidade.

Todos esses elementos apontados são indicações para uma possível compreensão das veias políticas, históricas, sociais que atravessam o discurso psicanalítico, alimentando-o de intenções

comuns a outros grupos, a outros projetos, mas também deixando entrever suas marcas próprias.

Se o discurso psicanalítico mantém laços íntimos com uma estragégia declasse, entrelaçando-se inclusive com outros saberes produzidos nesse mesmo solo, isso não significa, entretanto, que não porte um projeto próprio, que, inclusive, no interior da própria história do movimento psicanalítico sofrerá revezes, reviravoltas, "progressos", "retrocessos", "resgates", deslocamentos, enfim, que lhe imprimirão sentidos novos, os quais cumpre analisar.

Vamos por ora tentar esboçar um caminho possível de leitura do sentido freudiano, se assim o podemos chamar, no contexto histórico da época de sua emergência.

Não é possível fazer submergir a psicanálise no contexto de outros saberes e práticas despontados no século XIX sob pena de não atentar para o lugar muito específico que assumiu nesse cenário. Nunca saber inconteste que placidamente repousasse em esplêndido berço epistemológico, a psicanálise se viu desde cedo mergulhada num mar de contradições, incongruências, ambiguidades, que marcariam toda a sua história. Simultaneamente aos seus anseios científicos, sua prática institucional esteve sempre marcada por vicissitudes muito peculiares às ideologias não científicas[39].

---

[39] KATZ, C. S. - Psicanálise e Instituição, Rio de Janeiro, Editora Documentário, 1977.

Da mesma forma, sua prática clínica para além das tentativas de responder a um modelo científico de aplicação, mergulharam muitas vêzes na realidade, imiscuíram-se às práticas do bom-senso, do senso comum, de todas as ideologias do viver disseminadas no espaço social. Em outras palavras, já estava inscrita no bojo desse saber toda a sua possibilidade de difusão no ato mesmo de sua produção. Justifiquemos.

Longe de manter uma preocupação exclusivamente interna, a psicanálise,de início, indissociada da figura de Freud, expandiu seu interesse a outras áreas de conhecimento: Antropologia, Medicina, Artes, Educação, etc. Não nos interessa aqui esboçar nenhuma análise de cnho epistemológico, não nos interessa discutir sua cientificidade segundo os critérios próprios do pensamento epistemológico e sim a representação de si-própria como científica e a relação com sua prática teórica e histórica. O que podemos daí depreender são algumas controvérsias, porque, de acordo com Castel, a vocação expansionista da psicanálise esteve presente desde sempre [40]. Não há psicanálise recuperada. Da mesma forma, Foucault escreve:

> Pode-se dizer que a primeira forma de antipsiquiatria foi a Psicanálise que, ao final do século XIX, foi um processo de desmedicalização de vários fenômenos que a grande sintomatologia psiquiátrica do século XIX tinha codificado como doença. Esta antipsiquiatria que é a

[40] CASTEL, R. - O Psicanalismo, Rio de Janeiro, Graal, 1978.

> psicanálise, qualquer que tenha sido seu projeto inicial, funciona efetivamente como uma nova medicalização não somente da histeria e neurose que Freud procurou subtrair aos psiquiatras mas a uma medicalização bem maior - pois a própria conduta quotidiana é passível atualmente, de atividade psicanalítica.[41]

Por outro lado, embora concordemos com estes dois autores no que concerne à natureza primordialmente médica e à vocação expansionista da psicanálise, julgamos que permanecem inanalisadas certas especificidades dapsicanálise, que, por vêzes, sugerem um destacamento desse projeto médico original. Por um lado, verificamos que sua história resiste a uma apropriação analítico-marxista, ou freudo-marxista[42]. A respeito da assertiva de Castel sobre a "falta de pré-requisitos históricos, econômicos, culturais e políticos"[43], tanto da Alemanha hitlerista como de certos países da América Latina onde reinam a arbitrariedade policial e a tortura:

> Ora, não é isso que se sabe acerca da expansão da posicanálise após 1968, no Rio de Janeiro por exemplo, tanto no que diz respeito à clientela quanto ao mercado de publicações. O real não psíquico não contribuiu para sua impossibilidade, antes açodou sua busca.[44]

Vale lembrar que nesse período - pós 68 - assistim assitimos no Brasil à popularização de expressões nascidas no seio da psicanálise como "lelé da cuca", "repressão",

---

[41] FOUCAULT, M. - História da Sexualidade I - A Vontade de Saber Rio de Janeiro, Graal, 1985, pág.

[42] Cf. FIGUEIRA, S.A. - O Contexto Social da Psicanálise, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1981.

[43] CASTEL, R. - op. cit.

[44] FIGUEIRA, S. A. - op. cit., pág.42.

Da mesma forma, essas abordagens (freud-marxistas e marxistas), pressupondo sempre uma dicotomia (com suas possibilidades tanto de contradição como de interação) indivíduo-sociedade, não dão conta do fenômeno psicanalítico, da sua maleabilidade. E isso, de acordo com nossa pressuposição, principalmente no que se refere ao discurso freudiano, que, ao contrário dos seus sucessores psicanalíticos, é o que mais resiste à apreensão [illegible], à apropriação unívoca. Por ora, diríamos que é equívoca. E, para além do jogo de palavras, queremos dizer que contém e aponta uma multiplicidade dereferências (enquanto o discurso kleiniano se apresenta monolítico, continente - metaforicamente - de suas referências, sabendo muito bem o que está dizendo, ao contrário do que diz Lacan[45]. O fato do discurso freudiano ter dado uma solução teórica própria ao dilema indivíduo-sociedade, resgatou-o para um espaço não-psicológico, ao qual a psicanálise retorna via discurso kleiniano, que porta em si um efeito de psicologização ao pressupor esta entidade cristalizada de "indivíduo". (Será por isso que a psicanálise kleiniana tem garantida a sua eficácia nas instituições psicanalíticas, ao contrário da freudiana?) No momento, o que nos interessa é apontar a não linearidade na descendência médica da psicanálise. Se, como escreve Fugueira tomando Castel[46], a démarche psicanalítica se descreve por um triplo movimento: psi

---

[45] LACAN, J. - O Seminário Livro 1: Os Escritos Técnicos de Freud Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

[46] FIGUEIRA, S.A. -
CASTEL, R. -

cologização, individualização e privatização, em contrapartida ela o faz de forma tão circunscrita e modulada que nos perguntamos se é apenas isso que ela faz. Vamos retomar diversas vêzes essa pergunta. Uma das ocasiões será mencionando suas formas de institucionalização.

A psicanálise, desde cedo, estabeleceu normas para a formação de seus profissionais diferentes das elaboradas no modelo da institucionalização das chamadas profissões liberais. Estas normas eram (e são) definidas no interior das sociedades psicanalíticas. Conforme Chaim Samuel Katz escreve:

> Freud viu desde o início, que a psicanálise não poderia ser ensinada em organizações que repetissem a estrutura tradicional da transmissão do saber. O objeto da psicanálise não pode ser reduzido a uma mera construção teórica, pois ele - o inconsciente - impõe a presença não presentificada de uma linguagem que não pode ser apreendida ao nível expresso. Para fazer sua experiência, elaborar seu inconsciente, o psicólogo deve procurar a mediação daquele a quem se atribui o conhecimento dessa "linguagem": o psicanalista. O sujeito que sabe o inconsciente, que já experimentou seu próprio inconsciente, abre o acesso para aquele que ainda não o experimentou, que ainda não sabe. É claro que as teorias psicanalíticas podem ser ensinadas nos moldes universitários tradicionais, mas seu aprendizado não bastará para qualificar um psicanalista que, para se formar como tal, deverá ter acesso ao seu próprio desejo. Esse acesso só pode ser feito, de acordo com Freud, numa relação dual com alguém que já tivesse conhecido o seu próprio desejo; nesta relação se estabelece o processo que ele denominou de "transferência" onde o indivíduo analisando conhecerá a sua própria verdade íntima, o lugar de articulação do seu próprio desejo (...). A relação transferencial depende de uma técnica peculiar, não podendo ser exer-

> cer numa sala de aula (...).A dimensão teorética, apesar de necessária para formar o saber analítico, não é suficiente para informar o inconsciente do futuro psicanalista (...) Foi este o motivo central para que Freud visse na formação universitária uma insuficiência para o acesso ao próprio inconsciente, condição nuclear da formação analítica. Isto que aqui sumarizei está coerentemente elaborado no interior do discurso psicanalítico, quer dizer, produzido de acordo com a sua informação lógica, com as relações adequadas com o seu modo de produção teórico. Isso significa que a psicanálise encontra internamente, em seus quadros teóricos mais elaborados e pertinentes, uma necessidade de transmitir o seu saber profissional de modo distinto das outras profissões. O futuro analista deve não apenas conhecer a doutrina e as técnicas psicanalíticas, como passar por uma experiência pessoal de atividade analítica; essa experiência não pode ser substituída ou transmitida por livro algum, mas deve ser realizada, vivenciada, pelo próprio sujeito.[47]

Decorrem daí todos os trâmites tradicionais da formação do analista. Profissionalização que se dá segundo moldes bastante díspares com o sistema de produção industrial, em cuja vigência a psicanálise nasce. Trata-se, na realidade, de uma ressurreição, praticamente, do modo artesanal em que a assimetria dual mestre-aprendiz se revigora com modernidade. E traz uma positividade tão marcante, tão peculiar à prática psicanalítica, que não se registra nos momentos psicanalíticos mais contemporâneos nenhuma modificação substancial nesse processo. O que se verifica são modificações tendo em vista o "barateamento do produto" nas instituições de formação de cunho assistencial, normalmente médicas,

---

[47] KATZ, C. S. - Psicanálise e Instituição,op.cit.

onde se busca transformar a psicanálise numa "terapêutica" de amplo espectro, ampla penetração social e então exige-se menos da formação de cunho psicanalítico dos terapeutas ou então, no extremo dessa tendência, modificações que inclusive acentuam o caráter esotérico, alquímico, desse modelo artesanal de produção do saber, como se vê ocorrer entre os lacanianos.

Trata-se, portanto, de uma evidente característica da psicanálise que a faz saltar entre os saberes constituídos no século XIX, demonstrando uma intencionalidade nada linear em relação a eles. Ora, se sobre a produção do indivíduo, da sociedade, do social, do inconsciente, e toda essa profusão de criações nutrizes das ciências humanas e sociais, muitos saberes se constituíram dentro de certa homogeneidade, o mesmo não se pode dizer da psicanálise. Produzida pelo mesmo solo promotor da nova ordem da emocionalidade burguesa, da organização industrial dos sentimentos, ela, por outro lado, nunca mostrou consonância total com com essas suas próprias veias. Afinal, a psicanálise mexia em casa de marimbondos: sexualidade, infância, loucura,morte, desejo, pulsão. Quantas redes de inconsciente, recalque,organização edípica, seriam necessárias para reter todas as possibilidades de produção de diferenças, desvios, divergências?

Por outro lado, num tentativa de responder à questão a respeito da "dupla natureza psicanalítica", artesanal e industrial, poderíamos avançar a hipótese de que, na produção dessa

forma de escuta, a psicanalítica, é necesário apurar os ouvidos segundo o diapasão intimista, promover um retorno (que outra situação social o conceito de regressão indica?) reformulador, à realidade familiar da socialização primária, realizar um deslocamento na distinção privado/público que melhor dê conta dessa viagem intimista e, para promover esse especialista supremo da alma (o psicanalista), é necessário depurar, burilar, aprimorar ao máximo esse produto. Em outras palavras, o controle apurado de qualidade chama a si o recurso ao artesanato. E este, por sua vez, não atenderá também à demanda de vasculhamento das almas, na busca dos desvios, das diferenças? É verdade que a psicanálise trouxe o desmoronamento das fronteiras nítidas entre saúde/doença, normal/patológico, mas não terá sido também para melhor espalhar e melhor combater as pequenas e subrepticias patologias da alma? Ora, se a doença não é mais visível, objetivável e segregável no outro, se não podemos encenar sua aparição, não podemos por outro lado perscrutá-la, identificá-la por toda parte? "Neurótico todo mundo é", "de louco todo mundo tem um pouco", "que fantasia você tem a respeito?" etc., todos nós habitamos e somos habitados pelo mundo da loucura, por isso somos normais, por isso somos psicanalisáveis. Devassar essa paisagem, atravessá-la com olho clínico, a tarefa do psicanalista, esse ser forjado na linha mestra da produção, é ingrata. Exige-se dele uma vigilância plácida e uma desconfiança serena que aponte sempre para a outra cena. O conceito de inconsciente já nos indica: tudo tem

sempre uma segunda leitura, ao(s) manifesto(s) correpondente(m) o(s) latente(s). É prciso descobrir, ouvir as entrelinhas (com um pouco mais de malícia, a psicanálise setorna kleiniana...). É preciso saber que o processo secundário é secundário ao primário. Eo primário traz à arena a fera a ser domada, conta a história das pulsões.

A realidade mítica, religiosa, das pulsões alcançará, no entanto, melhor expressão no movimento kleiniano (Capítulo II), Como já dissemos, o que mais nos interessa aqui analisar são as propriedades do discurso freudiano. E, segundo nossa hipótese,ele porta em si uma múltipla natureza. Se, por um lado, ele se forja à luz da estratégia burguesa, por outro lado traz um projeto próprio. Se atentarmos para a história do movimento psicanalítico, para além da sua história elogiosa e linear, com os ouvidos abertos para seus ruídos institucionais e marginais, poderemos surpreender muitas nuances que, do contrário, nos passariam ao largo. A questão da análise leiga, os caminhos institucionais em torno do poder,não são questões acessórias à psicanálise, mas que travam com esse saber uma relação essencial.

Acreditamos que a introdução da problemática do poder como veículo condutor na análise do contexto histórico-político da psicanálise possa nos levar a uma melhor formulação de nossas questões. Tal como apontado por Figueira[48] , Castel não dá conta

---

[48] FIGUEIRA, S. A. - O Contexto Social da Psicanálise, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1981, pág. 24.

do problema de "não aprofundar a crítica da psicanálise a partir também do ponto de vista dos sujeitos pacientes" , porque, não conseguindo se situar fora da problemática "indivíduo X sociedade", capitula ao marxismo arrastando à sua análise uma distinção dicotômica entre demanda pessoal e demanda social. Essa distinção não sobrevive, no entanto, à leitura foucaultiana encenada pela analítica do poder. Por essa via, conceitos marxistas (dominação, luta de classes, etc.) saem de cena, destituem-se de suas configurações apriorísticas e de seu valor explicativo. Essas três passagens de Foucault definem bem a que noção de poder ele se refere:

> A análise em termos de poder não deve postular como dados iniciais, a soberania do Estado, a forma da lei ou a unidade global de uma dominação. (...) Não há, no princípio das relações de poder, e como matriz geral, uma oposição binária e global entre dominadores e dominados, dualidade que repercuta de alto a baixo e sobre grupos cada vez mais restritos até as profundezas do corpo social. Deve-se, ao contrário, supor que as correlações de força múltiplas que se formam e atuam nos aparelhos de produção, nas famílias, nos grupos restritos de instituições, servem de suporte a amplos efeitos de clivagem que atravessam o conjunto do corpo social. Estes formam, então, uma linha de força geral que atravessa os afrontamentos locais e os liga entre si; evidentemente, em troca, procedem a redistribuições, alinhamentos, homogeneizações, arranjos de série, convergências dos apontamentos locais. As grandes dominações são efeitos hegemônicos continuamente sustentados pela intensidade de todos esses afrontamentos.[49]

> As relações de poder são, ao mesmo tempo, intencionais e não subjetivas. Se, de fato, são inteligíveis, não é porque sejam efeito, em termos de causalidade, de uma outra instância

[49] FOUCAULT, M. - op. cit., pág. 90.

> que as explique, mas porque atravessadas de fora a fora por um cálculo: não há poder que se exerça sem uma série de objetivos. Mas isso não quer dizer que resulte da escolha ou da decisão de um sujeito, individualmente; não busquemos que a equipe que preside sua racionalidade, nem a casta que governa, nem os grupos que controlam os aparelhos de Estado, nem aqueles que tomam as decisões economicas mais importantes, gerem o conjunto da rede de poderes que funciona em uma sociedade (e as faz funcionar).[50]

> Da mesma forma que a rede de relações de poder acaba formando um tecido espesso que atravessa os aparelhos e as instituições sem se localizar exatamente neles, também a pulverização de pontos de resistência atravessa as estratificações sociais e as unidades individuais.[51]

Para Foucault, a demanda é engendrada pela rede de poderes que atravessa a sociedade e sob determinada circunstância fez surgir, no conluio do "dispositivo de aliança" e do "dispositivo da sexualidade" a família moderna e suas questões. . A sobreprosição do dispositivo da sexualidade ao dispositivo de aliança na confecção da família moderna significou trazer para o palco familiar a sexualidade, gerando com isso tensões e conflitos que cedo se expressaram em demandas, prontamente atendidas pelo exército de "especialistas filantrópos" que então se formava:

> Nasce, então, uma demanda incessante a partir da família, de que a ajudem a resolver tais interferências entre a sexualidade e a aliança; e presa na cilada desse dispositivo de

---

[50] Idem, ibidem, pág.
[51] Idem, ibidem, pág.

sexualidade que sobre ela investira de fora, que contribuíra para solidificá-la em sua forma moderna, lança aos médicos, aos pedagogos, aos psiquiatras, aos padres e também aos pastores, a todos os "especialistas" possíveis, o longo lamento de seu sofrimento sexual.(...) Ela, coluna fundamental da aliança, era o germe de todos os infortúnios do século. Ei-la, desde a metado do século XIX, pelo menos, a assediar em si mesma os mínimos traços de sexualidade, arrancando a si própria as confissões mais difíceis, solicitando a escuta de todos os que podem saber muito, abrindo-se amplamente a um exame infinito.[52]

Dizer que o dispositivo de sexualidade substituiu o dispositivo de aliança não seria exato... Hoje em dia, se por um lado tende a recobri-lo, não o suprimiu nem o tornou inútil. Historicamente, aliás, foi em torno e a partir do dispositivo de aliança que o de sexualidade se instalou. (...) A "sexualidade" estava brotando, nascendo de uma técnica de poder que, originariamente, estivera centrada na aliança. A célula familiar, assim como fora valorizada durante o século XVIII, permitiu que, em suas duas dimensões principais - o eixo marido-mulher e o eixo pais-filhos - se desenvolvessem os principais elementos do dispositivo de sexualidade (o corpo feminino, a pprecocidade infantil, a regulação dos nascimentos, e em menor proporção, sem dúvida, a especificação dos perversos). Não se deve entender a família, em sua forma contemporânea, como uma estrutura social, econômica e política de aliança, que exclua a sexualidade ou pelo menos a refreie... Seu papel, ao contrário, é o de fixá-la e constituir seus suportes permanentes. Ela garante a produção de uma sexualidade não homogênea aos privilégios da aliança, permitindo ao mesmo tempo que os sistemas se aliança sejam atravessados por toda uma nova tática de poder que até então eles ignoravam. A família é o permutador da sexualidade com a aliança: transporta a lei e a dimensão do jurídico para o dispositivo da sexualidade e a economia do prazer e a intensidade das sensações para o regime da aliança. Esta fixação do dispositi-

---

[52] Idem, ibidem, pág. 104/5

> vo de aliança e do dispositivo de sexualidade na forma da família permite compreender certo número de fatos: que a família se tenha tornado , a partir do século XVIII, lugaro obrigatório de afetos, sentimentos, de amor; que a sexualidade tenha, como ponto privilegiado de eclosão, a família; que, por esta razão ela nasça, incestuosa.[53]

Neste ponto, Foucault introduz um aspecto fundamental para o nosso trabalho. Continua:

> Pode ser muito bem que, nas sociedades onde predominem os dispositivos de aliança, a interdição do incesto seja uma regra funcionalmente indispensável. Mas, numa sociedade como a nossa, onde a família é o foco mais ativo da sexualidade e onde são, sem dúvida, as exigências dessa última que mantêm e prolongam sua existência, o incesto, por motivos inteiramente difernetes, e de modo inteiramen diverso, ocupa um lugar central; é continuamente solicitado e recusado, objeto de obsessão e de apelo, mistério temido e segredo indispensável. Aparece como altamente interdito na família, na medida em que representa o dispositivo de aliança, mas é, também, algo continuamente requerido para que a família seja realmente um foco permanente de incitamento à sexualidade. Se, durante mais de um século, o ocidente mostrou tanto interesse na interdição do incesto, se, com concordância quase total, viu nele um universo social e um dos pontos de passagem para a cultura, talvez fosse porque encontrava nele um meio de se defender, não contra um desejo incestuoso, mas contra a extensão e as implicações desse dispositivo de sexualidade posto em ação, e cujo inconveniente, entre tantos benefícios, era o de ignorar as leis e as formas jurídicas de aliança. (...) O que se passou desde o século XVIII pode ser decifrado do seguinte modo: o dispositivo de sexualidade, que se desenvolvera primeiro nas margens das instituições familiares (na direção espiritual, na pedagogia), vai se recentrar pouco a pouco na família: o que ele

[53] Idem, ibidem,pág. 102/3

> podia comportar de estranho, de irredutível, de perigoso, talvez, para o dispositivo de aliança, (...) é tomado em consideração pela família - uma família reorganizada, com laços muito estreitos, intensificada com relação às antigas funções que exercia no dispositivo de aliança. Os pais, os cônjuges, tornam-se, na família, os principais agentes de um dispositivo de sexualidade que no exterior se apóia nos médicos e pedagogos, mais tarde nos psiquiatras, e que no interior vem duplicar e logo "psicologizar" ou "psiquiatrizar" as relações de aliança. Aparecem, então, esses personagens novas: a mulher nervosa, a esposa frígida, a mãe indiferente ou assediada de obsessões homicidas, o marido impotente, sádico, perverso, a moça histérica, a criança precoce e já esgotada, o jovem homossexual que recusa o casamento ou menospreza sua própria mulher. São as figuras mistas da aliança desviada e da sexualidade anormal; transferem a perturbação da segunda para a ordem da primeira, dão oportunidade para que o sistema da aliança faça valer seus direitos na ordem da sexualidade.[54]

Nos próprios termos de Foucault, a sexualidade saturava as famílias que pediam "arbitragem e cuidados":

> Nesse espaço de manobra veio alojar-se a Psicanálise, mas para modificar consideravelmente o regime de inquietações e incertezas. Era natural que suscitasse desconfiança e hostilidade de início, pois levando ao limite a lição de Charcot, tratava de percorrer a sexualidade dos indivíduos fora do controle familiar... Punha em questão as relações familiares na análise da sexualidade. Mas eis que a psicanálise, que parecia, em suas modalidades técnicas, colocar a confissão da sexualidade fora da soberania familiar, reencontrava, no próprio seio dessa sexualidade, como princípio de sua formulação e chave de sua inteligibilidade, a lei da aliança, os jogos mesclados dos esponsais e do parentesco, o incesto. A garan-

---

[54] Idem, ibidem, pág. 103/4

> tia de que lá, no fundo da sexualidade de cada um, ia-se encontrar a relação pais-filhos, permitia no momento em que tudo parecia indicar o processo inverso, manter a fixação do dispositivo de sexualidade sobre o sistema de aliança. Não havia riscos de que a sexualidade aparecesse, por natureza, estranha à lei: ela só se constituía pela lei. Com a psicanálise, é a sexualidade que dá corpo e vida às regras de aliança, saturando-as de desejo.[55]

Desejo que se constitui pela lei, da qual o protótipo é a interdição do incesto. Podemos então retornar à teoria psicanalítica, agora pelos meandros da técnica.

Antes, contudo, convém ressituarmo-nos na nossa problemática. Buscamos avaliar as condições peculiares de institucionalização da psicanálise no Brasil, suas estratégias de poder. Tendo, portanto, deixado explícito com que noção de poder pretendemos trabalhar, colocaremos agora algumas impicações que a nosso ver muito podem esclarecer sobre nossa temática. A primeira concerne ao que Castel denomina "processo de neutralização"[56], que tem um lugar fundamental na história institucional da psicanálise. Para além da medida em que confere vigor à rede teórico-técnica psicanalítica, as questões em torno da neutralidade em psicanálise percorrem um circuito que abrange desde uma suposta neutralidade científica até a circunscrição da neutralidade ao âmbi-

---

[55] Idem, ibidem, pág. 106/7

[56] CASTEL, R. - O Psicanalismo, Rio de Janeiro, Graal, 1978.

to técnico na relação privada analítica. Ora, isso sib uma outra leitura nos faz creditar ao uso particular do conceito e mecanismo de neutralização em psicanálise uma função muito própria. Eis o que bem demonstra Castel quando o coloca em íntima articulação com o que ele chama de "dispositivo dual da psicanálise", o que nos conduz à análise do também por ele assim chamado "aparelho intra-analítico" [57].

Em relação ao "desconhecimento da problemática sócio-política pela psicanálise", informa-nos Castel:

> Espero mostrar, ao contrário, que uma teoria correta dos processos de difusão, de reinterpretação e de institucionalização da psicanálise no "extra-analítico", tomando seriamente a amplitude e a especificidade de sua inscrição atual nas relações sociais de poder, supõe a reintepretação do próprio "aparelho intra-analítico". Esta reinterpretação deverá fazer compreender como e porque este aparelho ele próprio já é - entre outras coisas - um foco de produção ideológica.[58]

Dessa forma, para Castel, a vocação expansionista da psicanálise já se inscreve no cerne da relação dual. Sendo a operação de neutralização-privatização geradora do apoliticismo nas sociedades industriais avançadas e considerando a produtividade ideológica da situação dual analítica, muito teremos a analisar sobre a política da técnica analítica. Diz Castel :

> ...o próprio funcionamento analítico retoma os mecanismos de privatização, reitera-os, completa-os e ganha novos domínios. É o que penso ter estabelecido através da análise do proces-

[57] CASTEL, R. - op. cit. pág.
[58] Idem, ibidem, pág.

> so de neutralização. Assim a psicanálise é ao mesmo tempo o resultado e um dos agentes do processo geral de apolitização que domina as sociedades industriais avançadas.[59]

Assim é que a Psicanálise, sendo herdeira da sociedade disciplinar como já mostrara Foucault vai, para além de recobrir demandas dessa sociedade, realimentá-las. E conta, para isso, com diversos mecanismos. Nesse sentido, a noção de "psicanalismo" de Castel nos parece elucidativa:

> Quero precisar logo, para evitar um contrasenso não de todo ausente, aliás, que a Psicanálise não é o psicanalismo. A psicanálise é a prática e a teoria dos efeitos do inconsciente que coloca entre parênteses a questão de suas finalidades sócio-políticas: abstração defensável, como veremos, em limites bem precisos e estreitos. O psicanalismo é o efeito psicanalítico imediato produzido por esta abstração. É a implicação sócio-política direta do desconhecimento do sócio-político, desconhecimento que não é um simples esquecimento, mas um processo ativo de invalidação.[60]

Nesse ponto estamos nos situando num lugar axial dentro da temática que pretendemos abordar. Estamos talvez em melhores condiçõe de nos colocarmos e apontarmos o pllítico dentro do miolo da técnica e de articulá-lo, pelo menos em alguns pontos, à tessitura institucional.

Por ora, contentar-nos-emos em apontar a pertinência de uma análise política da teoria e da técnica psicanalí-

---

[59] Idem, ibidem, pág. 230
[60] Idem, ibidem, pág. 4

tica e, para além de apontar a produção de mascaramentos, encobrimentos ideológicos, mostrar a produção de sentidos políticos dessa circunscrição conceitual e preceitual que atravessa a Psicanálise. Junto a isso, articula-se a história institucional da psicanálise como bem expressiva desses processos ativos.

A História da Psicanálise é primordialmente a história de suas instituições, espaço de produção teórico e técnico desse saber. Como nos mostra Katz, a Psicanálise precisa ser pensada no ponto de suas articulações concretas e históricas, seja a nível da aventura singular de seu criador, da articulação de sua história e desejo singulares, seja a nível de suas concretizações institucionais e sociais. É o que nos mostra esse mesmo autor: a psicanálise, para além de sua versão de si-própria como ciência e portanto destacável de sua dimensão ideológica, porta em si a possibilidade de engendramentos e agenciamentos múltiplos.[61] A psicanálise pode ser cooptada pela esquerda, direita, pelos progressistas e reacionários, conservadores e radicais... E este fenômeno não se dá por conta de sua neutralidade, de ingenuidade, desconhecimento, ou má-fé de seus agentes, e sim por uma capacidade ativa sua, plena de positividade e afirmação.

Assim é que a psicanálise não apenas atravessou o Nazismo, na Alemanha, utilizando para isso de meios de adaptação e ca-

---

[61] KATZ, C. S. - Psicanálise e Nazismo, (editor), Rio de Janeiro, Livraria Taurus Editora, 1985.

muflagem em nome de sua própria sobrevivência e de seus ideais científicos. A psicanálise também se produziu no nazismo, permeou-se de suas crenças. Da mesma forma a I.P.A. (International Psychoanalytical Association), enquanto órgão centralizador da psicanálise oficial, caracterizou-se por uma prática"neutralista", perfeitamente conivente com todas as conivências oficiais e extra-oficiais da psicanálise organizada em Berlim. Ora, o mesmo se passou no Brasil, durante os anos de autoritarismo pós-64, quando as sociedades psicanalíticas estiveram sempre "neutramente" engajadas no regime militar (vale lembrar o episódio "Amílcar Lobo"[62]). E se a psicanálise foi muito útil à Alemanha enquanto forma psicoterápica e enquanto engenharia psicológica de produção[63], mantendo seu prestígio ao menos inabalado, no Brasil foi durante esse período de ditadura que alcançou sua maior amplitude de expansão, chegando a definir-se como " weltanschaaung" e ampliando seu rastro de difusão às esferas mais quotidianas e populares. Os psicanalistas engajados no nazismo alegavam, tal como os oficiais, que "não sabiam de nada" e "obedeciam a ordens superiores" . Um psicanalista vinculado à repressão política no Brasil alegou o mesmo argumento. As sociedades locais em ambas as circunstâncias acobertaram os associados comprometidos, esquivaram-se de uma posição política de oposição e submeteram os associados divergentes a perseguições internas, ou omitiram-se quanto às ex-

---

[62] Cf. Crise na Psicanálise, (vários autores), Rio, Graal, 1982, e Psicanalise e Nazismo (org. KATZ, C.S.), Rio,Taurus,1985.

[63] KATZ, C. S. - Psicanálise e Nazismo, op. cit.

ternas. Não se trata, é claro, de vicissitudes históricas das quais a psicanálise possa esquivar-se, desconhecer ou "esquecer". Como disse Castel (cf. citação nº , acima), "desconhecimento que não é um simples esquecimento mas um processo ativo de invalidação". Um dos méritos da análise das relações entre psicanálise e nazismo talvez seja o de justamente ampliar e tornar visível a olho-nu es sa natureza híbrida da psicanálise.

Estamos até agora falando do macrocosmos institucional da psicanálise, de suas formações institucionais. E isso traz a urgência de pensarmos, munidos desses óculos históricos, na esfera minúscula e delicada da presença das relações de poder no centro da produção teórico-técnica. E será com essa perspectiva que tentaremos abordar a psicanálise kleiniana, de importância central na psicanálise instituída, difundida e disseminada no Brasil.

CAPÍTULO II

A PSICANÁLISE KLEINIANA

Há inúmeras formas de se elaborar um estudo acerca dos principais conceitos desenvolvidos pelo pensamento de Melanie Klein através de sua obra, conceitos que, por sua especificidade teórica e implicações clínicas próprias, arregimentaram seguidores e engendraram uma "escola" em psicanálise, capaz de receber a adjetivação dada pelo nome da autora, e de demarcar, em relação à psicanálise freudiana, significativas diferenças.

Queremos, assim, caracterizar a nossa forma de abordar o pensamento kleiniano vinculando-o aos objetivos globais do trabalho. Não pretendemos, portanto, conduzi-la ingenuamente ou de qualquer ponto de vista neutramente "exegético".

Dessa maneira, abordaremos a psicanálise kleiniana guiados por duas diretrizes. Não há escrito despido de intencionalidade, logo, nossa leitura da literatura psicanalítica kleiniana procurará inicialmente nela identificar aquilo que, segundo pensamos, constitui-se em núcleos de alteração do pensamento freudiano. Não nos referimos, é claro, àquele tipo de alteração obviamente inevitável, na medida em que Melanie Klein não é Freud, sua intérprete ou tradutora, mas a alterações substanciais que deslo-

caram pontos que, em Freud, constituíam suportes, aspectos fundamentais e que, na psicanálise kleiniana, foram substituídos por outros pilares. Em segundo lugar, visamos fornecer uma linha geral organizadora do panorama teórico que se constitua como quadro de referência capaz de lançar inteligibilidade à análise que, no Capítulo III, empreendemos sobre o discurso dos psicanalistas entrevistados acerca de sua prática teórica, clínica e institucional, bem como da representação que dessa prática elaboram com relação a seus efeitos sociais e políticos.

***

O início da obra de Melanie Klein já vem marcado pela preocupação com a abordagem do desenvolvimento infantil. Verificamos, no entanto, que muitos dos conceitos desenvolvidos por Melanie Klein e seus seguidores, tanto após sua própria imigração -em 1926 Melanie Klein deixa a Hungria e radica-se na Inglaterra - como após a imigração de psicanalistas centro-europeus em função das perseguições nazistas, não se delineiam ainda claramente nos primeiros escritos kleinianos, embora já neles se esbocem. Uma das primeiras obras de Melanie Klein, intitulada "O Desenvolvimento de uma Criança" (1921)[65], apresenta inclusive uma temática bastante freudiana em torno da sexualidade infantil, vinculando inibições a catexis libidinais investidas sobre as atividades ou impulsos inibidos, por exemplo.

---

[65] KLEIN, M. - O Desenvolvimento de uma Criança (1921), in Contribuições à Psicanálise, São Paulo, Mestre Jou, 1970.

O interesse com que é recebida a presença de Melanie Klein no cenário psicanalítico inglês pode ser, em linhas gerais, justificado pelo fato de que, durante a década de 20 se desenvolveu na Inglaterra a chamada "orientação infantil",[66] integração do trabalho social ao processo terapêutico e também à prevenção nas escolas. Psicanalistas participavam nas sessões infantis das clínicas criadas nesse período - a Tavistock Clinic (1920) e o Maudsley Hospital (1926). Analistas ingleses como Ernest Jones e Eder "já tinham uma compreensão psicanalítica do desenvolvimento da criança e da educação, mas abordavam a criança segundo a técnica do adulto"[67]. É Melanie Klein quem introduz a técnica do jogo bem como nesse momento rompe com o vínculo pedagógico, razão de seu posterior conflito com Anna Freud, que abordaremos adiante. Esta relação com a pedagogia não é, no entanto, rompida, a nosso ver, mas sim retomada de forma mais refinada, "psicanaliticamente", como mais adiante, nesse trabalho, procuraremos demonstrar. Vale lembrar nesse momento, contudo, a atenção que se voltava à criança e à família por parte da medicina e da pedagogia na Inglaterra nessa época.

---

[66] Uma série de motivos factuais são levantados por Claude Girard em seu artigo "La Psychanalyse en Grande-Bretagne": "Ceux qui avaient frequenté Berlim suivaient l'évolution de Melanie Klein (...) célèbre dans le mouvement psychanalytique pour sa découverte de l'analyse de l'enfant par le jeu. Aussi les deux séries de cours (1925-1927) qu'elle donna à Londres à l'invitation de Jones et la création d'un groupe d'analystes d'enfant (1926) furent-elles un succès. La mort de son maître Abraham, l'intérêt qu'elle suscita, et le besoin croissant de psychanalystes d'enfant contribuèrent à son installation à Londres".- in JACCARD, R. - Histoire de la Psychanalyse, Paris, Hachette, 1982, pág. .

[67] Idem, Ibidem, pág. .

Em seus primeiros trabalhos, seguindo o melhor estilo freudiano, Melanie Klein começa por estudar os efeitos das inibições em sua relação com a ansiedade, afeto que resulta, conforme Freud postulara, da repressão da libido, o que significa dizer que a inibição está então sempre vinculada a uma atividade ou impulso sobre o qual incide uma catexis libidinal[68]. Melanie Klein é, portanto, aqui, freudiana. Refere ansiedade a repressão, tal como postulado na primeira teoria freudiana da ansiedade[69].

Ansiedade é, em Freud, um afeto primário, porém de "tono qualitativo especial"[70], porquanto sucede à repressão da libido. Tentaremos posteriormente identificar as condições em que a ansiedade, na obra kleiniana, muda de estatuto conceitual, adquirindo a primazia de que goza na atual configuração dessa tendência psicanalítica. Ainda em 1923[71], a ansiedade é primordialmente ligada ao temor de castração. Subordina-se a ansiedade de nascimento à ansiedade de castração, retroativamente , e a ansiedade é entendida, tal como na obra de Freud anterior à reformulação por ele empreendida em 1926[72], como resultado da repressão, na medida em que esta não incide sobre afetos, apenas os transforma, conferindo-lhes o referido "tono qualitativo".

---

[68] KLEIN, M. - A Análise Infantil, (1923), in "Contribuições à Psicanálise", São Paulo, Mestre Jou, 1970, pg.
[69] FREUD, S. - Repressão (1915), in Standard Brasileira, Vol.xiv.
[70] Idem, Ibidem, pag.
[71] KLEIN, M. - Op. cit.
[72] FREUD, S. - Inibição, Sintoma e Angústia, St.Bras. Vol.XXV.

A ansiedade é assim o resultado dessa transformação que a repressão operou nos afetos que representavam, no plano psíquico, o impulso reprimido, cujo representante ideativo dissociara-se, permanecendo inconsciente, e no inconsciente, concebido como sistema psíquico. O recalque é, portanto,"dirigido contra o tono de prazer sexual"[73], e não contra os perigos da agressividade, até esse momento da obra kleiniana, pelo menos. Da mesma forma que "a análise visa a reinstalar o prazer primitivo, o que é uma interessante concepção de cura[74].

Em outro texto, Melanie Klein começa a introduzir modificações mais significativas. Apoiando-se na construção freudiana segundo a qual "o superego é herdeiro do complexo de Édipo", e partindo de suas observações clínicas, postula ela a existência de um complexo de édipo precoce ou incipiente[75] .

Em 1928, Melanie Klein assim resume as conclusões a que chegara em seu artigo acima citado, de 1926:

> Cheguei à conclusão de que as tendências edípicas são liberadas em consequência da frustração qee a criança sofre com o desmame e que elas aparecem no fim do primeiro e início do segundo ano de vida; são reforçadas pelas frustrações anais sofridas durante o treinamento para os hábitos higiênicos. A influência seguinte, determinante dos processos mentais, é a diferença anatômica entre os sexos.[76]

---

[73]KLEIN, M. - A Análise Infantil, op. cit., pág.
[74]Idem, Ibidem, pág.
[75]KLEIN, M. - Princípios Psicológicos da Análise Infantil, in Contribuições à Psicanálise, op.cit. pág.
[76]KLEIN, M. - Primeiras Fases do Complexo de Édipo, in op.cit.

A antecipação do complexo de édipo leva-a a postular a existência de um sentimento de culpa que acompanharia os impulso instintivos pré-genitais. Ao contrário de Ferenczi[77], que supõe que, ligada aos impulsos uretrais e anais haveria uma espécie de "precursor fisiológico do superego" a que ele dá o nome de moral esfincteriana, Melanie Klein cria as condições teóricas necessárias à produção de seu conceito de culpa pré-genital no plano puramente psíquico. Diz, no mesmo texto[78]:

> Minhas descobertas levam ainda mais longe. Mostram que o sentimento de culpa, associado às fixações pré-genitais, já é efeito direto do complexo edípico. Isso parece explicar satisfatoriamente a origem de tais sentimentos, pois sabemos que o sentimento de culpa é, na realidade, o resultado da introjeção (já realizada ou, acrescentaria eu, ainda em processo de realização), dos objetos de amor edípico, isto é, o sentimento de culpa é um produto da formação do superego.

A linha de raciocínio acima identificável tem, em seus desdobramentos lógicos, no plano teórico, algumas implicações que o próprio texto kleiniano, em seu seguimento, explicita:

> A conexão entre a formação do superego e as fases pré-genitais do desenvolvimento é muito importante, de dois pontos de vista: de um lado, o sentimento de culpa se vincula com as fases sádico-oral e sádico-anal ainda predominantes e, por outro lado, o superego entra em cena quando predominam essas fases, o que explica seu sádico rigor.[79]

---

[77] KLEIN, M. - Primeiras Fases do Complexo de Édipo, op. cit. pág. 254

[78] Idem, ibidem, pág. 254

[79] Idem, Ibidem, pág. 255

Mas também a sua força. A força desse superego alimentado pelo sadismo reinante nessa fase. Ela continua[80]:

> Estas conclusões abrem novas perspectivas. Só por meio de um forte recalque pode o ego ainda muito fraco, defender-se de um superego tão ameaçador, já que a aprincípio das tendências edípicas se expressam sob a forma de impulsos orais e anais, a questão de quais fixações virão a predominar no desenvolvimento edípico será determinada pelo grau de recalque que tem lugar nesse estágio precoce. (...) Outra razão para que seja tão importante a conexão direta entre a fase pregenital do desenvolvimento e o sentimento de culpa é que as fixações orais e anais, que são o protótipo de todas as frustrações ulteriores na vida, significam ao mesmo tempo castigo e ansiedade. Estas circunstâncias fazem com que a frustração seja sentida mais agudamente e esta amargura contribui em grande parte a tornar mais penosas todas as frustrações subsequentes.

Ora, até este momento nos parece que Melanie Klein, ao tratar dessas questões, o faz de posse da colocação clássica em psicologia de que "frustração gera agressão", mas criando, passo a passo, as condições teóricas para a introdução da idéia de uma agressividade originária. É o superego que, alimentado pelas tendências sádicas pré-genitais, é forte e leva o ego, fraco, a se defender, armar-se de mecanismos de defesa (posteriormente esse ego se"splitará" na teoria). Vemos, portanto, paulatinamente, a agressividade apoderar-se desse palco psicanalítico. "À luz de suas experiências", de suas "observações", Melanie Klein assistirá essa severidade precoce do superego se manifestar nas crianças de mais tenra idade. Repentinamente (porque em-

[80] KLEIN, M. - op. cit. pág. 255

bora tenha criado as condições teóricas para tal, em sua obra essa passagem não é explicitada) observará que: (mesmo artigo)

> A própria criança deseja destruir seu objeto libidinoso, mordendo-o, cortando-o e devorando-o, o que provoca ansiedade, já que o despertar das tendências edípicas é seguido pela introjeção do objeto, que se transforma então em alguém de quem se deve esperar um castigo. A criança teme então um castigo que corresponda à sua ofensa: o superego se transforma em algo que morde, corta e devora.[81]

Vemos que, progressivamente, pisamos um terreno em que o Édipo, em plena pré-genitalidade, habita mais o terreno do dovoramento, da agressividade, do que o terreno sexual. E o sadismo foi o trampolim para que o ódio, a pulsão agressiva, adquirisse predominância nesse jogo de pulsões (mesmo artigo):

> O menino deseja tomar posse das fezes da mãe (mãe que o frustrou anal e oralmente), penetrando em seu corpo, cortando-o em pedaços, devorando-o ou destruindo-o. Sob influência dos seus impulsos genitais, a criança começa a dirigir-se à sua mãe como a um objeto de amor. Mas seus impulsos sádicos estão em plena atividade, e o ódio originado das mais precoces frustrações se opõe fortemente ao seu objeto de amor, de nível genital. Obstáculo ainda maior ao seu amor é o temor de ser castrado pelo pai, que surge com os impulsos edípicos. O grau em que alcança a posição genital dependerá em parte de sua capacidade de tolerar essa ansiedade. Nisto, a intensidade das fixações sádico-orais e sádico-anais é um fator importante.[82]

---

[81]KLEIN, M. - Primeiras Fases do Complexo de Édipo, op. cit.pág.254/
[82]Idem, ibidem, pág. 257.

A partir de então, a ansiedade se desliga do processo de repressão da libido, dos impulsos sexuais, passando a consistir no correlato, a nível do ego, dos impulsos destrutivos, fazendo-se acompanhar das defesas egóicas correspondentes. Isso equivale a dizer que o eixo em torno do qual se articulam as noções de conflito, impulso, defesa e ansiedade deixa de ser o processo de recalque, que em Freud tem valor central, e que vai, assim sendo progressivamente substituído pelo elenco de mecanismos de defesa, diversificados em função da qualidade e intensidade do impulso, via de regra hostil, do momento ou fase ou ainda"posição", ao qual corresponde um tipo respectivo de ansiedade. A ansiedade coexiste com os impulsos e desencadeia as defesas. Assim, um impulso destrutivo produz, num ego originário e incipiente, uma ameaça vivenciada como ansiedade (paranóide, por exemplo) e esta, por sua vez, desencadeia no ego um mecanismo de defesa correspondente (esquizóide, no caso exemplificado). Num outro momento, numa outra fase ou posição, uma defesa maníaca poderia seguir-se a uma "ansiedade depressiva" vivenciada pelo ego, e assim por diante. Como assinala Baranger [83], Melanie Klein logo postulará a "posição depressiva", para além das fases libidinais. Na verdade, a autora desenvolve a idéia de que o impulso amoroso primitivo tem uma finalidade agressiva, é "implacável". E o interjogo "projeção/introjeção" assume a primazia antes conferida ao recalcamento.

---

[83] BARANGER, W. - Posição e Objeto na Obra de Melanie Klein, Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1981.

Fizemos questão de resumir os pormenores desses primeiros passos da obra de Melanie Klein no sentido de deixar claro o solo teórico que não só permitiu suas também importantes postulações subsequentes como também todas as apropriações e deslocamentos que se tornaram possíveis dentro da organização política da psicanalíse. Quando Melanie Klein postula as duas posições - esquizoparanóide e depressiva - está muito coerentemente substituindo as fases da libido, em sua sucessão no desenvolvimento, pelos correspondentes "agressivos" conjugados à relação de objeto, dada a primazia do sadismo que implica em objetalidade. Queremos com isso dizer que, pela nossa leitura, o resgate libidinoso se dá pela via da postulação da "relação-de-objeto" como concomitante da dessexualização progressiva e que, na medida em que o desenvolvimento psíquico não mais se organiza em termos de fases libidinais, esta forma de organização perde realmente o sentido. Analogamente, se a genitalidade se desloca do centro ou ápice da teoria do desenvolvimento, a postulação de posições, permutáveis e não sucessivas, pré-genitais, acorre muito mais às necessidades teóricas dessa tendência. Da mesma forma, o instinto de morte, sua manifestação em "splitt" e o destacamento e autonomia dos sentimentos pré-genitais (amor, ódio, inveja, ciúme, culpa...)

A cura vai se definir pela reparação. Nas palavras de Winnicott: "Na psicanálise, os sintomas costumam substituir-se pela culpa"[84]. Sinal de integração do objeto, sinal de cura enquan-

[84] WINNICOTT, D. W. - A Psicanálise e o Sentimento de Culpa, in A Psicanálise e o Pensamento Contemporâneo, (org. John D. Sutherland), Rio, Imago Ed. 1973, pag.17.

to reparação. Culpa e crescimento, Culpa e saúde. Ao contrário de Freud, em que a culpa vem sempre ligada ao contexto edipiano[85]. Para Winnicott, no entanto, o sentimento de culpa é uma fonte especial de ansiedade associada à ambivalência.

Melanie Klein transforma a culpa numa linha infinita, espelhada, entre mãe e filho, ocupando um dos lugares preponderantes na teoria: não se trata mais da capacidade de gerar prazer, mas de lidar com a ansiedade e a culpa.

Arte não é mais sublimação - e portanto, no fundo, sexualidade e prazer - mas reparação. Para esta teoria do imaginário, tudo é fantasia[86].

Não nos deteremos na exposição do solo filosófico em que se ancora essa tendência teórica, embora concordemos com o que, principalmente os autores franceses nos têm apontado. Concordamos que Melanie Klein recria as condições para uma apropriação do discurso psicanalítico pelo discurso psicológico, na medida em que reindividualiza o inconsciente (e o objeto) com seu manancial de fantasias, naturaliza e elementariza os sentimentos e modos de ser (há "pessoas", "indivíduo", etc,). Winnicott, nesse sentido, declara que o trabalho de Klein permitiu à psicanálise começar a incluir em sua teoria a idéia de valor de indivíduo[87], enquanto que na psicanálise inicial o enunciado era em

---

[85] FREUD, S. - Totem e Tabu, Standard Brasileira,Vol.XIII, Rio,
[86] ISAACS, S. - Os Progressos da Psicanálise, Rio, Zahar, 1978,pg.185
[87] WINNICOTT, D.W. - Op.cit.

função de saúde e de má saúde, da dinâmica do prazer, embora se sustentasse, evidentemente, numa forma explícita de individualismo.E este valor está, para Winnicott, essencialmente ligado à capacidade de sentimento de culpa.[88] Dessa forma, poderíamos começar a aventar a hipótese de sua eficácia nas instituições na medida em que chega-se mesmo a constituir uma teoria paranóide de combate ao mal que em todos habita.

É inegável a natureza psicanalítica das formulações teóricas de Melanie Klein, daí porque suas querelas, suas controvérsias com Anna Freud se revestem de grande interesse. Na melhor tradição e fidelidade psicanalítica, Melanie Klein discorda da diretriz pedagógica de Anna Freud e traz a transferência e a fantasia - expressão do pensamento inconsciente (a imagem de pai e mãe é diferente dos pais reais da criança) ao cenário da psicanálise infantil. Em outras palavras, "infantiliza" a análise de crianças, adapta-a às condições infantis, inaugurando assim um certo campo para a interferência psicanalítica nesse universo, de modo direto. Ao mesmo tempo em que, sob outro enfoque, assegura a continuidade da ordem burguesa naquilo a que a psicanálise pode "prestar seus serviços". Claro é que quando esta psicanálise se debruça sobre a pedagogia, a psiquiatria, etc., e seguindo suas próprias veias expansionistas, difunde sua maneira de representar o quotidiano e penetrar nas

---

[88] WINNICOTT, D.W. - Psicanálise e Sentimento de Culpa, op.cit.

outras esferas de representação da realidade (como as artes, as ciências), ela o faz de forma bastante eficaz. Tratar-se-á de uma interferência pedagógica mais sutil e mais abrangente. Todas as mães conhecem o discurso sobre a "mãe ansiosa" e estão atentas à "ansiedade dos filhos", da mesma forma todas elas circulam na "sala de espera" da culpa, referem-se à agressividade, hostilidade. Assim é que Bowlby advoga, na educação, intervenções firmes, eficazes a longo prazo para produzir obediência ao invés do castigo - "grande erro da civilização ocidental". Por via desse controle amistoso:

> Tal como na política, assim também acontece com as crianças: a longo prazo, a tolerância da oposição paga bons dividendos.[89]

Assim, a intervenção amistosa provê a criança de um modelo para regulação efetiva de seus conflitos. Bowlby é um kleiniano otimista[90], que acredita no controle do ódio. Retoma Melanie Klein quando esta formula a hipótese de haver nas crianças o germe da moralidade inata.

E Bowlby, tal como os primeiros teóricos da burguesia (cf. Foucault[91]), é explícito, sincero, quando menciona o suposto erro de Freud ao prestar atenção demasiada à sexua-

---

[89] BOWLBY, W. - Psicanálise e Pensamento Contemporâneo, pg. 35.

[90] Sabemos da sua posição explícita de "independente" (filiado ao grupo dos "independentes") o que não nos impediria, é claro, de identificar sua afiliação ao pensamento kleiniano.

[91] FOUCAULT, M. - Historia da Sexualidade I - A Vontade de Saber Rio de Janeiro, Graal, 1982.

lidade e menos aos impulsos hostis. É este autor que expressa - singelamente, as modernas possibilidades de aplicação da psicanálise na correção dos costumes:

> A experiência limitada que temos sugere que um auxílio competente fornecido aos pais nos meses decisivos que precedem e seguem o nascimento do filho, e nos primeiros anos de vida de uma criança pode ter grandes consequências, auxiliando-os a desenvolver com o bebê a relação afetuosa e compreensiva que quase todos eles desejam. (...) Da mesma maneira, parece que os primeiros meses e anos da vida da criança são um período decisivo para o desenvolvimento de uma mãe e de um pai. Nessa primeira fase da maternidade, os sentimentos dos pais parecem mais acessíveis que em outras épocas. O auxílio é amiúde tanto buscado quanto bem recebido / que estranha consciência da demanda e da oferta de recursos no tratar e lidar com bebês /, e por serem as relações familiares ainda maleáveis, ele é eficaz. Se estamos certos em pensar assim, então a família com um bebê novo é um ponto estratégico para enfrentar o círculo maligno de crianças perturbadas que crescem para tornarem-se pais perturbados, os quais, por sua vez, tratam os filhos de uma maneira tal que a geração seguinte desenvolve os mesmos problemas ou problemas semelhantes.[92] (Grifos e comentários entre colchetes nossos).

Profilaxia dos costumes, curtas intervenções altamente especializadas podem ser efetuadas na hora certa. Poder-se-á, enfim, erradicar a infelicidade. Nesta mesma linha, Susan Isaacs relata de como domou as situações de intimidação e crueldade em sua escola. Fala do papel do professor, da transferência, da relação com os impulsos. Discutindo a curiosidade, diz:

---

[92] BOWLBY, W. - op. cit., pág. 55.

> Em "Leonardo da Vinci" Freud discute o destino que a curiosidade pode ter se permanecer ligada aos objetivos sexuais ou se desligar e sublimar. (...) Sua ligação com as tendências destrutivas e a necessidade de libertar a curiosidade dessas tendências, de colocá-la em pronta disponibilidade para uso intelectual, desenvolveu-se de nosso conhecimento posterior, enquanto que, por outro lado, o esforço que é necessário para sua dominação tem de ser suprido pelo instinto agressivo.[93]

Para um outro autor kleiniano, de vocação filosófica, nomeadamente Money-Kirle, a curiosidade:

> ...se deriva inconscientemente de uma espécie de intrusão agressiva, aparentada com a voracidade, pela qual elas (as crianças) inconscientemente esperam a retaliação de seus pais.[94]

Desta maneira, conclui Isaacs:

> Curiosidade e criatividade expressam um desafio inconsciente aos pais.[95]

E interesse e sublimação vem sempre como complemento desse desejo agressivo de devassar, solapar, saquear, enfim, o interior dessa mãe. Habitamos, assim, o terreno da fantasia, na acepção mais simples do termo: mães e bebês devoradores e onipotentes.

---

[93] ISAACS, S. - Psicanálise e Pensamento Contemporâneo, op.cit.

[94] MONEY-KIRLE, R. - ibidem, pág. 117.

Nas"psicoterapias de base analítica" kleiniana, na psiquiatria dinâmica, trata-se da inveja, culpa, ataque, e principalmente de ansiedade. Ora, o que é a psiquiatria senão um mosaico, um "bricolage" variado de técnicas de controle,recalque, liberação, canalização da ansiedade o que é a medicação psiquiátrica senão uma ampla gama de ansiolíticos, dos antidistônicos aos neurolépticos? Ansiedade em toda parte, paranóia por todos os lados, e o ego é fraco para resistir ao sadismo de um superego forjado na violência das relações-de-objeto movidas pelos mais destrutivos intuitos.

O universo imaginário, mitológico, da teoria kleiniana é bastante propício à apropriação da loucura. Na verdade, é como se se colocasse no limite da teoria, próximo ao abismo que o desmascara como discurso encobridor (todos o são...) de suas estratégias, beirando a loucura, avistando a morte. E o faz incisivamente, quando justamente se despe das formulações freudianas. E segue adiante na penetração social.

Bom e mau, seio bom, seio mau, mãe que alimenta, mãe que devora, dentro, fora, mundo interior, mundo exterior, fundo; raso, trata-se de um universo primariamente dicotômico, religioso e maniqueísta a instaurar uma hidráulica das paixões no cenário exaustivo, abusivo, da cena psicanalítica ou da cena doméstica. Porque será essa hidráulica que alimentará o al-

cance absoluto que o palco da transferência assume nessa tendência teórico-clínica.

O papel e, mais do que isso, o significado que o processo de transferência assume na psicanálise kleiniana, em relação à freudiana, merece ser melhor considerado. O que se passa na relação analista-paciente tal como tradicionalmente praticada, transmitida via supervisão aos analistas em formação, nas instituições psicanalíticas oficiais do Brasil, de matizes claramente kleinianos? É moeda corrente no meio psicanalítico a idéia de que o que importa mesmo na clínica é a relação - a boa ou a má - na determinação dos rumos do tratamento. Toma-se essa relação por transferência, idéia que certamente vem de... Freud. Ocorre, contudo, que, a partir do movimento kleiniano, a transferência, de triádica, envolvendo, além do paciente e analista, um terceiro elemento - o "reprimido" que se transfere, a história do paciente, seu passado como passível de reconhecimento, mais do que de rememoração, no presente[96], (caráter triádico que é, aliás, a condição de possibilidade teórica da transferência, em Freud), - passa a dual, o que equivale a dizer que se reduz ao interjogo projeção/introjeção, eixo da psicanálise kleiniana. Tudo se passa no "hic et nunc" (aqui e agora) da sessão, entre paciente e analista. Tomando-se a transferência como projeção, trabalha-se exclusivamente a sua dimensão de defesa, de resistência, oficializando-se, por asssim di-

[96]LACAN, J. - O Seminário Livro 1 - Os Escritos Técnicos de Freud, Cap.III A Resistência e as Defesas, pag. Rio, Zahar, 1980.

zer, a nível da técnica, a defesa do paciente, que pretende exatamente manter excluído esse terceiro elemento. Também o analista kleiniano parece pretendê-lo, ao conceber-se como objeto a ser introjetado, de preferência como o "bom objeto", terapêutico, em oposição aos "maus objetos da história (excluída) do paciente.

É da autoria de Money-Kirle (op. cit.) um trecho que acreditamos expõe exemplarmente as formulações acerca da importância da agressividade tomada como instinto de morte manifesto no plano psíquico pela teoria kleiniana:

> Bem fundo no inconsciente, a fonte suprema da ansiedade é a nossa própria agressão, especialmente a voracidade agressiva, que contudo pode parecer ameaçar-nos, seja de dentro, seja de fora, como uma força estranha. Então, como defesa contra a resultante intensificação inconsciente do medo da morte, o componente agressivo da vontade de viver do ego pode intensificar-se a um grau tal que todo objeto externo tende a ser inconscientemnte encarado como uma espécie de alimento a ser consumido ou como uma ameaça a ser destruída. Mas, em conflito com esse egoísmo completamente predatório, o ego desenvolve uma tendência oposta a abranger e identificar-se com outros objetos, que, então, desesperadamente, esforça-se por preservar. Desse modo, um conflito inconsciente insolúvel ameaça surgir e é evitado, em primeiro lugar, principalmente por mecanismos de cisão que tendem a dividir o mundo em inimigos a serem destruídos e amigos a serem protegidos de réplicas externas de nossa própria agressão.[97]

---

[97]MONEY-KIRLE, R. - Psicanálise e Pensamento Contemporâneo, pág. 123.

Money-Kirle, no mesmo artigo, pretende que as "descobertas"da psicanálise tenham algum parentesco com os juízos sintético "a priori" de Kant e possam, levando o homem ao humanismo,torná-lo sábio e sadio, à medida em que mais próximo de conhecer-se a si mesmo ele estiver. Tudo isso provável empíricamente. Como anteriormente mencionado, Money-Kirle é o "filósofo do kleinianismo", autor que, em contraste com a esmagadora maioria dos seus companheiros de "escola", introduz em seus textos reflexões filosóficas, questões epistemológicas, no sentido de caucionar, desse ponto de vista, as formulações kleinianas e dos tecnicistas autores des escola inglesa.

Uma questão que se coloca, no entanto, a respeito do processo expansionista da psicanálise kleiniana, refere-se à sua ligação com a medicina. Se sua mitologia prescinde de referências biológicas e de garantias empíricas ou de qualquer espécie de "ideal positivista" e de realismo, por outro lado, a sua prática, mais do que qualquer outra psicanálise, foi apropriada pela medicina, especialmente a psiquiatria e, da mesma forma, seu discurso explícito, mais do que qualquer outro, pretende ancorar-se na experiência, na observação, dentro da tradição empirista inglesa. Assim se a psicasnálise kleiniana foi a primeira teoria psicanalítica a afastar-se do realismo, do materialismo biológico, recaiu, no entanto, em pretensões ontológicas e teológicas. Pretendia-se falar diretamente do que era experiência, a realidade en-

tendida como o real vivido, mas o que era descrito era uma grande mitologia dos bebês, uma religião abrangente e dicotômica.

Segundo nossa hipótese específica, no entanto, a sua consolidação institucional se deu por associação, mais do que por identidade filosófica, com a medicina, com sua postura também dicotômica, curativa, necessariamente ancorada sobre a dicotomia normal X patológico. Em outras palavras, seu rompimento, seu destacamento inicial da biologia, terminou, por vias muito próprias, numa união estratégica com a medicina institucionalizada.

Elliot Jacques se coloca a elucidativa questão de se a ciência de Freud pode ajudar a resolver também o dilema econômico e industrial. Já aí pisamos o terreno do que explicitamente a psicanálise pode dizer de seus objetivos políticos e sociais. A respeito da contribuição psicanalítica às técnicas de facilitação e adaptação ao trabalho, diz:

> ...Porque a realidade externa, para ser exatamente percebida e retida mesmo inconscientemente, exige que haja uma elaboração do que Melanie Klein denominou ansiedades paranóides e depressivas infantis. Com uma redução suficiente dessas ansiedades, a integração do ego se torna suficientemente bem estabelecida para que o princípio de realidade atue e a apreciação da experiência no trabalho seja possível. (...) Algumas de nossas mais profundas contra a ansiedade... gratificação fantasista, onipotência, modéstia...[99] (grifo nosso).

[99] JACQUES, E. - Psicanálise e Pensamento Contemporâneo, pag.140.

Fatores que criam empecilhos para o pleno desenvolvimento das potencialidades para o trabalho. E um monumento para um crítico de esquerda:

> ...então grande parte das convulsões sociais e distúrbios relativos às diferenças (inclusive greves economicamente devastadoras)poderia ser sanado se pudéssemos interceptar o conhecimento inconsciente dos indivíduos.[100]

A respeito da relação entre superiores e subordinados, Elliot Jacques fornece considerações especificamente bastante úteis à psicologiado trabalho:

> A ansiedade paranóide no que recebe ordens e a ansiedade depressiva no que as dá são importantes razões para que o exercício da autoridade seja comumente experimentado como difícil.[101]

Aborda também o aspecto de como a inveja inconsciente provoca disputa e perturbações na relação entre superiores e subordinados.

Surge então dentro de nossa temática a questão de como a psicanálise kleiniana, particularmente na Argentina, vai se associar ao marxismo. Entendendo dentro da mesma ótica em que vínhamos nos mantendo, vamos por ora manter a hipótese de que esse fenômeno se dá por força de um mecanismo inverso ao que marca o expansionismo psicanalítico. Pretendemos, no entanto, manter suspensas essas questões.

---

[100] JACQUES, E. - Op. cit., pág. 149
[101] Idem, ibidem, pág. 151

Em suma, pretendemos que os deslocamentos fundamentais operados pela psicanálise kleiniana se dão em torno da substituição da temática da sexualidade pela da agressividade - instinto de morte e suas manifestações psíquicas, entre as quais a principal é a ansiedade. Creditamos esses deslocamentos a formulações consequentes das posições psíquicas - esquizoparanóide e depressiva - em detrimento do desenvolvimento ancorado nas zonas erógenas e pulsões parciais, organizadas em referência ao complexo de Édipo, em função da centralidade que adquirem as relações de objeto, entre as quais a relação edipiana passa a ser uma delas, e não mais uma estrutura de referência e organização.

A teoria kleiniana, segundo nosso enfoque, toma como descritivos termos e categorias que em Freud gozavam de estatuto explicativo, o que resulta numa naturalização desses conceitos. Assim, agressividade foi identificada com instinto de morte, com conotações inclusive biológicas. E, dentro do que que anteriormente assinalamos, a independência metapsicológica que alcança o conceito de ansiedade é justamente a maior razão da postulação de que a ansiedade é a manifestação psíquica primordial do instinto de morte. O que, enfim, é tomado como básico é que, no confronto primário dos instintos, o homem é um ser que teme a morte e tem então todos os motivos para se sentir ansioso. A morte habita o homem, como força instintiva; é uma ameaça primária dentro do eu e que não se deriva de coisa alguma, sendo mesmo to

mada como fato evidente à observação. Assim, os autores kleinianos (Money-Kirle, Paula Heimann e outros) "observam" que na criança recém-nascida, a distinção entre interior e exterior é rudimentar; o medo da morte por fome, a ansiedade de aniquilamento, a voracidade agressiva e o medo dessa voracidade em forma projetada são representados por entidades que ainda não estão separadas em eu e mundo externo. Vale lembrar que projeção e introjeção são então tomados como mecanismos básicos que defendem o bebê dessa ansiedade de aniquilamento, embora produzidos pelo próprio aniquilamento, enquanto produtos do instinto de morte, na medida em que é sentida por um egoincipiente,não reforçado ainda por experiências sucessivamente boas com os objetos - objetos parciais de início, seio bom/seio mau (ainda não incorporados como bons objetos internos). Money-Kirle diz textualmente:

> ...parecem existir boas razões tanto biológicas como analíticas para considerar o medo da morte - quer a nossa morte como a daqueles com quem estamos identificados - o motivo básico da vida, e quando, na análise, encontramos esse medo em suas mais primitivas formas, parece estar associado à consciência de uma força auto-destruidora. Se a nossa consciência dessa força pode ser explicitada como um conhecimento concreto de agressão numa época em que a distinção entre o eu e o mundo exterior ainda não foi realizada ou se desmoronou; ou seja, podemos conceber como representante psíquico da entropia - do processo catabólico em nosso cérebro e nosso corpo - parece-nos constituir ainda uma questão em aberto. Mas como causa fundamental e como efeito da ansiedade no homem, é uma força que certamente existe.[102]

[102] MONEY-KIRLE, R. - op. cit., pág. 124.

Temos aí um bom exemplo de como são naturalizados esses conceitos. Da maneira como é formulado, o instinto de morte não só pressupõe um ego incipiente e suas proto-fantasias, como implica numa necessária postulação da relação de objeto, aquilo, enfim, que permitirá o preenchimento, a superação possível num certo registro, dessa ansiedade de aniquilamento/medo da morte.

A materialidade, a realidade, é aí tomada apenas virtualmente,o que nos faz compreender a supremacia dos conceitos de fantasia[103], e de realidade externa. Da mesma forma, esse penoso mundo pré-genital habitado pela inveja, voracidade, ódio, culpa,... passa a se constituir nas principais linhas de fuga do quadro afetivo da vida moderna. E a transferência deixa de ser um palco inaugurado pelo recalque, na conjuntura do Édipo, para se tornar um vínculo. E um vínculo primaz, corretivo, em torno do qual a análise passa a se dar, em detrimento da história do paciente, o que tem consequências fundas tanto ao nível da técnica, da prática terapêutica, quanto a nível institucional.

Efeito curioso, aliás, sobrevém à leitura de grande parte dos textos kleinianos que articulam a temática da culpa-ansiedade à maternidade: produz, na maioria dos leitores, lei-

---

[103] ISAACS, S. - op. cit. pág.79.

gos ou profissionais, um sentimento de culpa, uma aflição, uma necessidade de reparar (e o que mais aparece na prática clínica ou institucional com os "clientes kleinianos"?). Alguns textos e alguns autores (Bowlby, Winnicott), já contando com a existência desses sentimentos, nos acenam com a grata possibilidade da "intuição", da "reparação", da capacidade de ser uma "mãe suficientemente boa".

Se se trata de uma teoria que contorna o Édipo, exatamente por isso instala a mãe numa função fundamental. Será em torno dela, de sua função e de seu papel, que as principais considerações psicanalíticas estão se farão, em pleno terreno da pré-genitalidade e da devastadora irracionalidade das emoções. Não foi à toa que Freud, em torno da questão da repressão e da Lei, voltou-se para o "papel patogênico" dessa figura que na família burguesa o encarnava: o pai. Para a teoria kleiniana, no entanto, será a mãe, a quem cabe receber no mundo esse ser inatamente imbuído de impulsos vorazes, desordenados, onde as necessidades vitais se combinam com uma ansiedade agressiva por satisfazê-las, na medida em que essas necessidades são vividas de forma indissociável com uma agressão (desprazer), é a essa mãe que se destina uma tarefa fundamental: recebê-los, abrigá-los, contê-los, suportá-los (Winnicott e outros), domá-los e, eventualmente, devolver essas emoções domesticadas ao bebê. Bebê que se sente mal, destruidor, e que conta com sua mãe para, ao invés de retaliá-lo, permitir reparação: "Ele não é tão mau assim..."

Mas primariamente é um ser que cedo cinde, e projeta vitimado por esse instinto de morte poderoso que se manifesta em processos de fragmentação, - terreno da fase esquizoparanóide. A capacidade de culpa, de perceber a mãe como objeto total e ser por ela integrado dessa forma consiste na posição seguinte, depressiva.

O ego não requer uma "nova ação psíquica" , como em Freud, para se constituir: é originário, portanto originado por uma ação biológica... Não é o recalque primário de que se trata, mas do "ego primitivo". Produto deuma diferenciação do id e lugar-tenente das identificações, ambos os processos pressupondo o contato com a realidade, assim se concebe o ego em Freud e em Melanie Klein. A diferença fundamental, que expressa um profundo e consequente deslocamento, está em que, em Freud, o ego, por se constituir por identificação com objetos, mantém-se como instância imaginária por relação ao sujeito, enquanto que em Melanie Klein, embora não assumindo o lugar de centro-síntese e controle que lhe será atribuído pela Psicologia do Ego (a psicanálise kleiniana privilegia o inconsciente e a fantasia), o ego situa-se como "gerente", desgraçado mediador das intensas fantasias que se prendem aos objetos e dos impulsos que emanam do id- mais mortífero que erótico: "splita", projeta, incorpora objetos, na difícil tarefa de manter-se integrado.

A identidade, - esse sentimento de ser <u>um</u> e ser <u>eu</u> -

é então constituída por processos de identificação, em cuja base estão os mecanismos de projeçao e introjeção, que se alojam num lugar originário, um ego incipiente. Logo, o sujeito é produto do intercâmbio entre esse ego originário que se fragmenta ao peso dos instintos e esse interjogo hidráulico de projeções e introjeções, resultantes dessa fragmentação, dessa angústia que volta o homem ao outro. Há, portanto, a descoberta de um "mundo" ou "realidade interna", conceito importante vinculado ao de fantasia, e assentado principalmente na pressuposição de um modo de ser inato ao homem.Essa pressuposição, embora a princípio exclusivamente ontológica, entrelaça-se no decorrer d o percurso kleiniano, com o biologismo, deslizando permanentemente entre o campo religioso (dicotomias variadas sobre a dupla bem X mal) e o cientificismo.

Cumpre, portanto, pensar em que mecanismos políticos desliza essa teoria que tem como efeito a produção, a reparação e a recuperação de emoções da ordem da culpa, da ansiedade, do anseio por reparar. A investigar a teoria psicanalítica original, poucos vestígios nela encontramos dessas intenções. Buscamos, assim, avaliar o sentido desses deslocamentos efetuados e de que maneira eles consentem, avalizam e legitimam certas formas de praticar e instituir a psicanálise no espaço social.

É a essa tarefa que nos lançaremos no capítulo que se segue, tendo o presente como quadro de referência teórica para nossa análise.

CAPÍTULO III

TORNAR-SE KLEINIANO

"Poder-se-ia perguntar se a absoluta dominância de um discurso kleiniano no campo de nossa tradição psicanalítica não é a explicitação no plano teórico desse quadro fantasmático que domina a estrutura institucional. E, quando pensamos nisso, não estamos absolutamente esquecendo que essa não é uma particularidade ideológica dessa instituição, mas que confere mesmo uma marca característica à modernidade da instituição psicanalítica brasileira, que se instaurou num clima de predomínio das idéias da escola inglesa. Nem tampouco nos esquecemos que esse discurso teórico dominou a cena psicanalítica internacional nas últimas décadas, não podendo ser reduzido a particularidades brasileiras."

Joel Birman*

— Como caracteriza o seu trabalho clínico?

— Como eu caracterizo o meu trabalho clínico? ...Bem, mas a pesquisa... Você já sabe que eu sou psicanalista? Que faço psicanálise? ...Sim, então é premissa... Então... como eu caracterizo a psicanálise que eu faço no consultório? ...Eu não saberia responder. ...É, talvez pela sequência das outras perguntas... Realmente eu não sei responder, então vamos ver o que você quer. Eu sei que faço psicanálise, não é, agora... Não sei como é que eu poderia responder... Vamos ver quais são os seus objetivos...

---

* BIRMAN, J. - Crise na Psicanálise, Rio, Graal, 1982, pág.150.

— Como caracteriza o seu trabalho clínico?

— Como?... Como caracterizaria... É, é uma pergunta ampla, não fica bom...*

Por que analistas titubeiam, gaguejam, espantam-se com tanta intensidade diante de uma pergunta aparentemente tão simples? Curiosa reação de surpresa, perplexidade, desconcerto quando se busca tratar de definições imediatas, sem maiores compromissos com o rigor das teorias, a veracidade das práticas.

Que se passa quando a uma questão geral, aparentemente destituída de demasiadas perscrutações ou intenções, um discurso líquido,fluido, se detém, se paralisa, revelando uma surpreendente inocência, ou inconsciência, ou apenas deixando entrever nas suas frestas, hiatos e lapsos - na sua própria emergência - suas furiosas e obscuras determinações? Para certos olhos, certos óculos, serão, no entanto, translúcidas as demonstrações de sentido dessa prática corrente de psicanálise. Porque o que candidamente dizem é que... não sabem caracterizar o seu trabalho clínico. E dizem-no em alto, sonoro, claro e bom som. E certamente não se trata de insuficiência de conhecimentos teóricos, ausência de condições intelectuais para se por,e responder, essas questões. Todos os analistas entrevistados eram de inequívoca competência intelectual e profissional, reconhecidos pela comunidade psicanalítica.

---

*Trechos de entrevistas realizadas. Note-se que as transcrições de entrevistas se distinguem das citações de autores por se apresentarem entre aspas e não se referirem a notas de redapé.

Mas o que eles dizem é que não sabem caracterizar seu trabalho clínico...Mais do que isso, em sua grande maioria rejeitam a possibilidade de formular definições rigorosas, nomear suas próprias escolhas teórico-técnicas. Identificam esses procedimentos intelectuais com uma qualidade rejeitável, a chamada... "rigidez". A definição explícita, rigorosa ou não, da sua prática, e da sua filiação teórica, seja sob a forma de uma descrição seja sob a forma de um batismo, um reconhecimento de origem, é quase sempre marcada por uma vacilação que tanto revela uma dificuldade de se movimentar com desenvoltura intelectual na área da reflexão científica, ou intrateórica, sobre sua prática, como também um constrangimento, um estranho constrangimento que induz a diversas táticas discursivas de evitação, de esvaziamento, deslocamento, elisão dessas questões.

Nessa direção, é importante considerar as condições em que sua escolha, ou suas escolhas teórico-técnicas se deram. É nesse sentido que aqui as denominamos, grosso modo, de condições de "inconsciência". Se no clima psicanalítico da época em que essas escolhas se deram para a maioria dos analistas entrevistados - décadas de 50 e 60 - predominavam os ventos kleinianos soprados em grande parte dos Pampas , é claro que essas escolhas trazem essa marca. Mas é como se, na atualidade, isso não pudesse ser dito, a não ser como referência ao passado, como momento superado no caminhar progressivo do analista através do conhecimen-

to psicanalítico. Hoje em dia esses analistas se definem como ecléticos, ou seja, "contrários à rigidez empobrecedora das definições" (Cf. expressão de um dos analistas entrevistados) e parece que os indícios de sua afiliação teórica predominante só podem ser colhidos no veio de seu discurso, naquilo que vai nele imerso, constituindo o jargão psicanalítico de sua preferência, seus termos técnicos e conceitos prediletos, na citação de seus autores preferidos, seus mestres de análise pessoal e supervisão (o assim chamado "tripé da formação psicanalítica" na definição clássica dos psicanalistas). Em outras palavras, é como se os adeptos da corrente kleiniana, na atualidade, em sua maioria, só pudessem se identificar de forma indireta, por via de derivativos como os acima apontados, ou com referência a uma definição já ultrapassada, mas, de qualquer maneira, as marcas de sua identidade teórico-técnica só podem ser entrevistas pelos seus vestígios.

Tomemos em exame alguns trechos de entrevistas a fim de demonstrar a presença, nelas, de alguns desses vestígios. Note-se por exemplo, na seguinte transcrição de um fragmento da fala de um psicanalista, dois movimentos simultâneos e opostos, a saber, a indicação de traços que inequivocamente atestam a influência kleiniana através inclusive da nomeação de autores que, entre outros, poderíamos denominar neo-kleinianos, e a tentativa de apagar esses vestígios:

> "Eu acho que a minha inclinação teórica tem a ver inclusive com a minha formação aqui na Sociedade que é uma formação assim bem... ampla, né?, bem eclética inclusive. ...(...)... Eu não sei, eu tenho a impressão de que se tivesse autores que me interessariam mais seriam aqueles autores que desde que eu comecei a estudar tivessem essa orientação que eu acabei tomando... e aí vai uma sucessão, quer dizer, o Racker, o Abraham, o Fairbairn... além de Freud, né?, o Meltzer... os que se preocuparam com a teoria das relações objetais... É, isso seria um eixo, sempre na relação de objeto e daí partindo para Winnicott, Balint, Bion e agora mais recentemente o grupo da psicanálise do self que está sistematizando isso.(Diante de uma pergunta explícita sobre a curiosamente excluída Melanie Klein da sucessão, responde:) ...Não, eu acho que não. Para mim especificamente não, quer dizer, quer dizer... eu acho que algumas coisas básicas sim, mas aquilo que ela, ou pelo menos o que foi difundido como a técnica kleiniana eu especificamente, sem saber porque, eu nunca concordei... nunca concordei e hoje em dia eu acho que tenho até razões para isso, eu não sei porque, hoje em dia, eu não sei nem se era a teoria kleiniana que se aplicava na Europa..."

Tentativa de apagar vestígios kleinianos em sua prática que culmina com um discreto mas insinuante e significativo ensaio de fazê-lo até em solo europeu. O mesmo processo de camuflagem se verifica, mais pela via do deslocamento do que da negação direta, em outro trecho:

> "Olha, no momento, diria que (o meu trabalho) é basicamente freudiano. Não conseguiria qualificar de leitura kleiniana, winnicottiana, lacaniana, bioniana... No momento, ele tende, ...bom, eu parti muito da questão das relações objetais, não tanto do ponto de vista da Melanie Klein,mas mais de Fairbairn que diverge da Melanie Klein principalmente na questão da

> frustração, da agressividade inicial, daí para as questões colocadas por Winnicott da formação do self, questões acerca do início do desenvolvimento, espaço da ilusão, objeto transicional, caminhando para alguma coisa onde isso não basta mais. ...No momento estou interessada em recuperar as contribuições de Fairbairn Winnicott e Bion a partir de Lacan."

Acerca da questão correlata da ausência de uma clara definição dos alicerces teóricos do seu próprio trabalho clínico, ligada, como anteriormente proposto, à identificação dessa definição com rigidez teórica acompanhada de abertura e ecletismo, citamos:

> "Eu gosto de me definir como "sem linha", fazendo uma psicanálise de atitude aberta."

Ou:

> "Considero o meu trabalho psicanaliticamente orientado. Acho que não podemos nos fechar numa tendência mais rígida ou ortodoxa, alheia ao desenvolvimento científico. O terapeuta é como um cientista. Isso aliás segue o exemplo deixado por Freud, que sempre se mostrou aberto a reformulações quando o encontro com a prática clínica o exigia. Isso faz com que eu não veja muito sentido nos rótulos ou selos de "escolas" - freudiano, lacaniano, kleiniano, etc. Hoje temos inclusive novas contribuições que já não cabem nesses rótulos, como é o caso da "escola do self", dos seguidores de Bion, de Winnicott e outros."

Essa preocupação com a abertura, a evitação da chamada "rigidez" que, nesse caso, se confunde com a definição explícita da metodologia de trabalho, também é pelos analistas identificada nas instituições de formação:

> "Acho que as instituições psicanalíticas de um modo geral vão pouco a pouco assumindo essa

> tendência de maior abertura, menor nível de rigidez, preconceitos ou discriminações. A minha é um exemplo disso. Cada vez mais se estudam as tendências mais diversas em psicanálise, num clima de coexistência, contribuição recíproca e integração com vistas a atender às demandas da clínica."

É como se a verdade da filiação teórica só pudesse então ser depreendida por via indireta: pelos termos utilizados, pela linguagem corrente, pelos autores citados... Mas a nível do que é diretamente indagado, a resposta é quase sempre negativa e para isso lança-se mão da retórica do "livre-aberto-eclético" em oposição ao "limitado-fechado-rígido", trinômio que caracteriza a opção definida por uma escola. É curioso observar esse contrangimento. Como desabafou em certa ocasião um psicanalista:

> "Agora no Brasil você dizer que é kleiniano é como dizer que é leproso. Não era assim antes de eu ir para a Inglaterra."

Esse constrangimento confesso tipifica com bastante clareza a situação desses analistas que, levados a essa opção por vias indiretas, de tal modo que a definição teórica ficou submersa, dissolveu-se no pano de fundo da cena do discurso vigente, se sentem absolutamente surpreendidos com a mudança de rumo dos ventos da moda psicanalítica. Atônitos, raramente se declaram kleinianos na atualidade: ou antes kleinianos ou jamais kleinianos, mas atualmente quase todos estudiosos da psicanálise do self. Voltaremos a esse aspecto adiante.

> "Eu não sou uma psicanalista que possa se dizer kleiniana, lacaniana, freudiana, ou da psicanálise do self, por exemplo. Apesar de eu ter estudado bastante a escola inglesa, durante um tempo foi bastante a minha preocupação, estudei bastante, tive supervisão com analistas da escola inglesa... Isso durou... Ah! sim, o Rosenfeld, de lá o Rosenfeld, tive supervisão diretamente. Depois, outros analistas ingleses, a Tustin, os que vieram aqui, o Braffman, Irma-Pick. Acho que os que tiveram influência no meu trabalho durante muitos anos foram da escola inglesa... Agora, isso eu acho ... O meu trabalho seria kleiniano naquela época? Não, não, acho que nem naquela época. Isso é que eu queria dizer a você. Durante a mesma época, eu tive muito contato com o pessoal da escola argentina, principalmente a Beth Garma, em função do trabalho dela com crianças. Então durante alguns anos eu importava a Beth Garma. Ela vinha uma vez por mes, eu e quatro colegas, então ela tinha uma influência kleiniana mas era uma coisa já diferente da teoria kleiniana, já da minha, entendeu? Mas de qualquer forma eu nunca fiquei, eu nunca me senti presa a uma escola. Mais recentemente eu comecei os estudos da psicanálise do self, os trabalhos de Kohut."

Se a transcrição acima ilustra razoavelmente bem a questão de que vínhamos tratando, seu seguimento introduz novas questões, ou novos as pectos da questão da representação que os analistas entrevistados têm de sua própria prática psicanalítica. Referimo-nos à questão da relação analítica, e a forma pela qual ela é concebida, praticada e percebida por esses analistas, assumidamente kleinianos ou "soi-disants" ecléticos.

O que se passa na relação analista-paciente tal como tradicionalmente praticada, transmitida, via supervisão aos analistas

em fase de formação? Já nos pusemos essa questão, a fim de, no capítulo II, de cunho propositadamente teórico-conceitual, elucidar as vicissitudes teóricas de alguns conceitos freudianos. Analisamos, ali, a transformação, por exemplo, que o processo transferencial sofreu em Malenie Klein, onde equivale a uma relação dual, interpessoal, reduzindo-se ao mecanismo de projeção. Não tecemos aquelas considerações teórico-técnicas para, desviando-nos de nosso problema, tematizá-las do ponto de vista teórico, ou técnico. Nosso objetivo era antes mostrar os efeitos desse modo de trabalhar na questão que aqui volta à pauta, a saber, o processo de mascaramento dos referenciais teóricos por que passou a psicanálise de cunho kleiniano, no Brasil: Ora, se o que importa à interpretação analítica é dado pela " relação" estabelecida com o paciente, valoriza-se a subjetividade do analista, sua habilidade pessoal e o seu papel no vínculo, e desvaloriza-se, simultaneamente o lugar a partir do qual se faz a interpretação, isto é, o lugar da teoria, através de uma justificativa técnica. Pouco importa, portanto, que se clarifiquem, que se conscientizem, as bases teóricas do trabalho clínico. Legitima-se, também pela primazia conferida à "boa relação", a "inconsciência teórica". Vejamos como isso se manifesta na fala dos psicanalistas.

> "Eu me identifico com os estudos que se ligam a simbiose/autismo e à relação de objeto. Acredito na necessidade de estabelecer uma relação <u>antes de que o que se diga faça sentido</u>, evitando-se assim as interpretações parciais, correlatas das relações parciais de objeto" (grifo nosso).

> "O que importa é mergulhar de cabeça na relação. Exatamente dentro do clima do que é uma relação de paixão, é você mergulhar dentro do clima, para poder entender o ponto de vista e adquirir sua própria identidade. Sem esse movimento de profunda identificação com aquela teoria ou aquela pessoa, - e eu acho que isso se dá em todos os níveis - você trabalha com a pessoa e seu analista introjetado, não é? ...(...)...essa incapacidade de preservar os bons objetos internos, não é, então o ataque, a inveja... depende do grau de ansiedade e aí se mobilizam as defesas."

Sob essa ideologia do ecletismo X rigidez, da liberdade, o que se produz e se revela são extensas vias de associacionismo, a possibilidade de a psicanálise amalgamar-se com outras tendências, indefinidamente, e com outras áreas do saber, outras tecnologias humanas. A nível social isso se manifesta como um grande possibilidade de penetração em todas as instituições sociais, desde a família até as escolas e os hospitais, em quase todas as esferas do humano, querendo-se com isso dizer as esferas do privado. (Cf. Donzelot (12)).

Um outro aspecto que, articulando-se aos já mencionados, pareceu-nos fundamental na determinação da "inconsciência teórica" dos analistas entrevistados é a crença na unificação da psicanálise sob critérios de cientificidade, o que, por um lado, escamoteia diferenças, conflitos, rupturas, e por outro, legitima, em nome da suposta unicidade do saber psicanalítico, essas mesmas diferenças e rupturas que não são assim assumidas sem por isso deixarem necessariamente de se exercer.

> "O trabalho psicoterapêutico, para ser sério, precisa ser mediatizado pela ciência, no caso a ciência psicanalítica que, no essencial,não se decompõe em escolas. ...(...)...Além disso, e além do respeito à técnica deixada por Freud, é preciso estarmos sempre atualizados, atentos aos desenvolvimentos, achados, contribuições, enfim, aos progressos que fazem avançar a psicanálise trazidos pelos seguidors de Freud, dessa ou daquela corrente."

> "Eu sei que faço psicanálise, agora...(...)... Na verdade o que eu faço, o que eu pretendo fazer é psicanálise. Agora, quando você diz como eu caracterizaria o meu trabalho, eu acho que a tua suposição é de que a psicanálise poderia ser diferente, não é? Diferentemente caracterizável, e aí eu acho que não pode, não é? (grifo nosso)."

Não podemos negligenciar a relação desses temas com as condições específicas que caracterizam a institucionalização da psicanálise no Brasil. Nesse sentido, a adequação do discurso kleiniano a uma estrutura institucional rígida é uma hipótese levantada por Joel Birman(8).Vale acrescentar, nesse contexto, que também é característico desse discurso que seus agentes se caracterizem pela quase total ausência de produção teórica sobre o saber psicanalítico, bem como sobre as questões intitucionais. Ainda ligado à questão intitucional, outro aspecto importante é a grande maioria de médicos como analistas optantes dessa tendência, assim também o fato de ter-se constituído como discurso praticamente oficial das principais instituições ligadas à I.P.A. (International Psychoanalytical Association) durante o período histórico (década de 60) de maior sucesso no Brasil. Assim, se coincide com a modernização da vida econômica brasileira, coincide também com o início

de um período de grande autoritarismo - os anos pós-64, do regime militar - bastante similar ao autoritarismo dessas próprias instituições. É normal, portanto, que faça apelo a uma população "psi"zável, oriunda da classe média urbana que, mantendo apreço às ideologias de ascensão social, se caracteriza sobretudo pelo conservadorismo. A nível do profissionalismo, isso se manifesta no que denominamos "inconsciência de escolha". São indivíduos que em grande parte não formularam questões acerca dos caminhos de sua escolha e que, na verdade, não apresentam de forma consistente e coerente nenhum discurso - necessariamente ideológico - a esse respeito (ao contrário do que fazem os lacanianos). Essas são questões ausentes em sua fala.

> "Ah! Entrei de gaiato! Esse meu analista era kleiniano, tinha feito análise com Melanie Klein e tudo, mas nessa época eu não sabia de nada."

> "No quinto ano da faculdade já havia começado análise. Não, não sabia qual a tendência que orientava esse trabalho, mas era um analista da Rio de Janeiro. Durante a residência comecei a formação, mudei de analista porque o anterior não era didata, e, embora tenha tido as dificuldades naturais da interrupção... (...)...na verdade não tinha muito claro os objetivos da escolha, foi acontecendo, entende?...(...)...Mas de resto acho que foi um conjunto de contigências, já que eu sempre tive uma proposta aberta em relação à minha formação, e fui me identificando com certos aspectos que chegaram ao meu conhecimento e que tinham ressonância em meu trabalho clínico e também em relação à minha análise."

> "Fui fazer análise com X* em Londres, mas nes-

> sa época não sabia qual era a sua linha realmente.

Desta maneira, a inconsciência de escolha articula-se com a pertinência à I.P.A., na medida em que amabas expressam, com igual vigor, a relação de expansão desse discurso no campo social - enquanto vinculada à difusão cultural- bem como de dominação e hegemonia no campo institucional, aspectos aos quais termos que reiteradamente voltar.

Se era esse o discurso vigente, ele foi quase sempre identificado com a psicanálise, entendida nos moldes de ciência e sob a perspectiva epistemológica de acúmulo de conhecimentos. Perspectiva que, se obsoleta[104], é contudo a única que se coaduna com os parâmetros dessa teoria e prática, na medida em que busca elidir a ruptura e instaurar uma continuidade absoluta entre os diferentes discursos teóricos da psicanálise[105].

> Ah não!, como estava dizendo representa uma evolução, disenvolveu determinados pontos... Não é uma diferença... Continuidade sim, ruptura, de jeito nenhum.

---

*Renomado psicanalista kleiniano.

[104]Termo que aqui é empregado em relação a critérios epistemológicos ulteriores.

[105]Fala-se da psicanálise, mas o que vai contido nesse discurso tomado como único, universal, científico, são os termos e os temas do ideário kleiniano. "Inconsciência" bastante eficaz e, nesse sentido, caracterizando uma diferença sumária em relação ao discurso dos lacanianos que sempre bradaram seu "pedigree" e exibiram seu brasão intelectual, cunhado na mais "fina" e moderna tradição filosófica.

"Olha, eu vejo a teoria psicanalítica como um edifício, não é, uma estrutura que foi sendo montada à medida em que as descobertas foram sendo feitas e eu acho que um analista deve estar de posse disso tudo para empregar aquilo que for necessário. Eu nunca...Não acho que tem sentido você estar filiado a uma corrente depensamento porque aquilo corresponde a uma área específica da personalidade, a uma dificuldade que há mas na verdade uma pessoa não é um fragmento, um segmento, então o que... eu acho que não tem a ver você estar filiado a uma corrente, você aplicar aquela corrente na sua prática psicanalítica, eu acho que tem a ver você, tendo conhecimento das descobertas e aquilo fazer parte da sua bagagem, para você usar no seu trabalho, toda ela... (Sobre correntes conflitantes, diz:) Eu acho que não, pode ser que uma ou outra idéia realmente não consiga se combinar mas tenho impressão é que todas essas teorias vieram trazer contribuições, né, você usa..." (observação entre parênteses nossa).

"Modificação? ...Olha, eu não vejo como modificação, eu vejo como um avanço, como um avanço, um avanço significativo, mas muitos deles partindo de coisas que o próprio Freud deixou em aberto. Por exemplo, quando você pensa que você trabalha... atualmente... quer dizer, de muitos anos para cá... as experiências mais primitivas, quer dizer, você pensa que Freud fundamentou a psicanálise em torno do Édipo, quer dizer, você vê que muita coisa caminhou, né? Desde então, (crescente entusiasmo) porque se você coloca o Édipo em torno do terceiro ano de vida como Freud colocou, então os 3 anos anteriores? Não é? Então a grande contribuição de Melanie Klein foi essa de trazer essas informações a respeito do que seria o primeiro ano de vida, quer dizer, mas eu acho que Freud deixou as bases, deixou uma continuação que já existia... Existia uma ampliação do próprio Abraham que foi contemporâneo de Freud, faleceu muito antes de Bion (?). Você vê, os trabalhos que fez sobre psicose maníaco-depressiva, ele já coloca toda uma série de teorias em cima da relação da criança com o seio, com o objeto parcial. Você vê, foi ele que estabe-

leceu isso.Não foi nem a Melanie Klein, a Melanie Klein continua... É, eu não vejo... Eu acho que Freud foi tão genial que até hoje as coisas que a gente preconiza como atuais na verdade não se contrapõem ao que ele colocou. São realmente um avanço... E a gente se surpreende muitas vêzes que lá num trecho do trabalho está lá alguma coisa anunciada por ele que hoje em dia aparece como uma grande descoberta... Inclusive a Psicologia do Ego, a escola americana... (Uma pergunta tentando identificar diferenças:) Existe isso também, a impossibilidade de viver relações mais primitivas principalmente com o objeto primário, a mãe, que acho que Freud não avançou, né? É, é, eu acho que essa foi a grande mudança na técnica psicanalítica, por isso Melanie Klein foi tão importante, né?... Nesse sentido, não é,.. no sentido de você viver as dificuldades do paciente não relacionadas a essa situação de neurose instituída atravé do Édipo mas numa etapa anterior... (pergunta sobre consequências técnicas:) Ah sim!, eu acho que sim, eu acho que em todos os sentidos... em todos os sentidos... até mesmo a... o próprio clima da sessão... porque... aí eu penso muito mais em Winnicott, embora Melanie Klein tenha estabelecido todo esse psiquismo prcoce no primeiro ano de vida, eu acho que em termos de técnica isso apareceu muito mais evidente foi em Winnicott... É tão difícil de definir mas quando ele fala, por exemplo, da... - e aí é Melanie Klein também, né, - quer dizer, a fantasia inconsciente levando você a atrabalhar com o paciente não só na comunicação verbal mas em toda uma comunicação mais ampla que teve origem num estágio que foi anterior até a palavra, e se passa na relação com o analista na base de uma relação de inconsciente a inconsciente,você usa a palavra, usa a comunicação verbal, o paciente aproveita isso, mas aproveita toda uma outra linguagem também que se estabelece."

Admire-se o esforço despendido por esse psicanalista que não se nomeia como kleiniano, na costura de todas essas "contribuições". Há ainda os deglutidores de toeria, cuja forma de justifi-

car o ecletismo continuísta é metabólica:

> "...foram se sucedendo e o que eu acho que é importante, e isso eu digo até em seminário, é você diante de uma situação nova, de um corpo teórico novo, diante de um supervisor novo, poder entrar num clima tal que se apaixone e se identifique, o que se dá em todos os níveis, não só do corpo teórico, mas da relação pessoal com osupervisor,não é, fundamentalmente por isso que eu falava da formação sem ser da análise no divã, que essa é essencialmente assim, então você entra, engole, conhece, vira aquilo por uns tempos para depois então se rssgatar. Eu acho que eu fiz esse processo várias vêzes, o mais recente foi com a psicologia do self também agora, acontece que quando você estuda alguma coisa e estuda para valer... Enfim, eu não estudo para virar aquilo, eu estudo para introjetar, incorporar o que valer a pena, então eu acho que um trabalho mais sério é um trabalho de resgate da sua própria identidade no sentido do que é que você fez com aquilo, aquilo transformou você, fez com que você virasse uma outra coisa necessariamente? Enfim, eu acho que não, acrescentou: você metaboliza aquilo e vai sempre pesquisando."

Não há ruptura. Há contribuições, avanços, acréscimos, continuações, desenvolvimentos, desdobramentos, enriquecimentos. Há uma psicanálise para um inconsciente, para todas as pessoas.

É moeda corrente, embora um certo pensamento de esquerda também faça uso disso (os kleinianos argentinos, por exemplo) que o pensamento continuísta é conservador. Está preocupado basicamente em apontar o que permanece, e é frequente também dar a isso que continua o nome de imutável. Assim, uma crença na natureza humana, no homem, nas essências e nos cernes, embora muitas

vêzes possa servir como estratégia de sobrevivência diante de devastações autoritárias, é principalmente uma forma de garantir que tudo vai bem, obrigado. Nesta direção tomam-se as formas de existência psíquica como naturais, bem como todas as categorias a elas associadas como a área do privado. Consequentemente as patologias.

> "Acho que houve uma modificação na demanda de análise. A problemática do paciente sempre tem a ver com o que é oferecido, com as mudanças do analista. Agora as demandas são maiores: os pacientes vem com sentimento de vazio, coisas vagas, situação bem diferente das paralisias histéricas, das queixas médicas. E tem a ver com o desenvolvimento da psicanálise, só se pede o que se conhece. Quando as formas de tratamento evoluem, aparecem outras demandas, mas por outro lado,eu também acho que o paciente não mudou. Sempre existem esses casos, essa problemática, não apareciam porque não se sabia como tratar."

> "Uma idéia geral é de que seria das dificuldades narcísicas né?...Da psicanálise do self. ...Olha, eu tenho a impressão... eu acho sim que pode ser fruto da nossa época e quando a gente pára e pensa assim que há todo um estímulo às satifações de cunho narcísico, há todo um marketing da sociedade, da propaganda, né, quer dizer, a pessoa de corpo bonito, o suceso, e por aí afora, muito inclusive de nossa herança, né, americana... Mas eu acho também que não é isso só não. Eu acho que isso é fruto também de nosso conhecimento aumetado... Nosso conhecimento maior inclusive teórico porque na medida em que você vai tendo possibilidade de estudar inclusive melhor esses primeiros anos de vida, você chega nessas dificuldades que antes eram inacessíveis ao tratamento. Freud falava na barreira narcísica, ele achava que não eram acessíveis a nós, à medida em que fomos caminhando, fomos "chegando a esse tipo de pessoa".

Assim,na representação desses analistas, a ciência, universalíssima, progride sobre o real num movimento uniforme, extorquindo a duros mas externos percalços as verdades desse real. Percalços externos, "sociais", no sentido de que o social se apresenta como algo externo ao saber mas que com ele se articula, com ele interage. O social tem então um estatuto menor, na hierarquia teórica, que o determinismo racionalista ou biológico. Desta maneira, ou se faz da psicanálise uma terapêutica, dela o reino domédicos sob os auspícios da I.P.A., ou uma prática seríssima, interpéssoal, tête-à-tête de combate ao mal, a religião de tantos psicólogos promotores das técnicas de bem viver. Assim, o "social" deve ser respeitado se somos ecléticos e interacionistas, mas no "bricolage" de nossas falas vai aí mais informação, no fundo o que acreditamos mesmo vem depois e é esse homem imutável que interage com a história mas que não é histórico, a menos que se pudesse fazer uma história das essências que fosse mais do que inventariar seus progressivos desdobramentos, o que poria em risco a desenvoltura social dessa prática[106].

Torna-se assim clara a absoluta possibilidade de articulação desses discursos ao que constitui a "weltanschaaung" no seu sentido mais quotidiano, afeito ao senso comum e aos discursos difundidos, seus termos tornados óbvios, hipostasiados, reificados.

---

[106] "Mas sobretudo a consciência conservadora adotará a estratégia política de converter o ideológico em "natural", visando particularmente a neutralizar os efeitos dos conflitos sociais, procurando apresentar uma imagem de harmonia e integração social." CERQUEIRA FILHO, G. -

Esse é um dos aspectos que se articulam ao que anteriormente denominamos de "inconsciência teórica". É como se os pressupostos mais imediatos, a sustentação filosófica, os supórtes metodológicos e epistemológicos, para além mesmo das diretrizes ideológicas ou outros determinantes mais fundamentais, tivessem que estar fora do discurso. A fala desses analistas é bastante eloquente, na sua forma negativa, a esse respeito, bastando que retomemos as citações anteriores e examinemos as que se seguem;

> "Neste sentido a grande linha de costura se torna a categoria de"pessoal". É em nome dessa entidade que se afastam e exorcisam a maioria das definições, das demarcações de diferença. Análise pessoal, influência pessoal, questão pessoal, querendo dizer-se com isso desde algo da ordem do biográfico como algo da ordem do inefável, experiência íntima intransferível e, o que é mais fundamental, inquestionável em sua verdade intrínseca. às vêzes, o pessoal é transferencial."

> "Eu acho que no fundo as pessoas quando vão buscar as teorias,não é, elas vão buscar aquilo que... compreender aquilo que faz sofrer, não é, que as faz sofrer, mesmo como analistas, ou terapeutas, então eu acho que os temas, quer dizer,... foram... as pessoas são sempre ligadas a determinados temas... então, por exemplo, as pessoas, aqui no Rio, eu comecei como?...Eu comecei a minha análise há muitos anos atrás, eu comecei em 62."

> "Nossas eleiçoes sempre tem a ver com as vivências da gente, que podem se fazer de uma maneira mais aberta ou presa no mesmo lugar"

> "Depende da vida pessoal basicamente, do momento em que você começa o seu trabalho. Pessoas já estão seguindo essa linha, você sofre

(essa palavra é mal-dita), recebe influência mas é você pessoalmente que se identifica com elas. Acho então que é por influência do início mais identificação."

"...Mas eu penso o seguinte: isso nada tem a ver com ser kleiniano ou o diabo a quatro, é má análise. Eu penso assim: se o sujeito é bom analista, tanto faz a linha ou a corrente, o importante é a mente do sujeito: foi analisado? Como ele percebe o seu paciente? Está inteiramente livre para ouvi-lo? Compreendê-lo, identificar-se e devolver isso ao paciente? Ou por suas vicissitudes pessoais está cego, surdo para a decifração do que o paciente lhe comunica? Isso que se diz de empatia, que na verdade é a capacidade de identificar-se com o paciente,e poder recuperar um sentido, uma compreensão desse mergulho, é fundamental. Olha, no fundo todo mundo pisa o terreno psicanalítico, mas se difere nas qualidades pessoais de cada um, nas peculiaridades do seu caminho pessoal. A gente deve se perguntar: o que os pacientes buscam? E deve se perguntar: quem somos nós e o que podemos lhes oferecer? Cumpre a nós nos tornarmos objeto total e não refletir os fragmentos do paciente."

"Mas em que sentido? Relacionado a que?...Meu trabalho? Olha, eu fiz análise, a minha análise foi análise didática... Eu não tinha análise anterior, eu tinha feito grupo, eu saí para começar análise didática... Quer dizer, então, tudo que se refere à formação está ligado à análise didática... inclusive eu era pediatra antes, eu fui psiquiatra de crianças, depois fui fazerpsiquiatria de adulto já numa etapa anterior à minha formação... Então tudo está muito ligado... Na verdade foi ao mesmo tempo... Na verdade não vejo nada que pudesse aprender no trabalho que não tenha passado pela minha análise. Ah. eu acho que é o principal. Tudo que eu acho que aprendi, tudo que aprendi em teoria, na práica com o paciente, tudo isso passou pela minha análise. E eu acho que aquelas coisas que eu não consigo fazer, entender, foram coisas que eu por alguma razão

> não tive oportunidade de entender na minha análise, são os pontos cegos da gente que impedem de entender o paciente e uma formulação teórica também. Para mim, análise é fundamental. Todo o resto vem como complemento: supervisões, estudo teórico, experiência clínica, né? (Sobre escolha teórico-técnica:) Eu acho que também, né, no início sem perceber, que você se inclina por aquilo que tem afinidade, mas no meio do proceso você não tem uma visão muito objetiva disso, quer dizer, você não sabe claramente o que está acontecendo, mas depois, depois de terminada a análise, eu acho que sem dúvida, eu acho que você continua buscando os autores numa tentativa de continuar o seu processo, de continuar ampliando aquilo que você viu..."

Outro ponto a assinalar, ainda no que diz respeito à negação das rupturas, das divergências, é a situação paradoxal da crítica, muito frequente nos kleinianos, à Melanie Klein por via do instinto de morte, que, no entanto, é pilar, suporte teórico dessa corrente. Analistas inspirados nos kleinianos marxistas costumam tomar essa posição, muito difícil de sustentar quando, por outro lado, os representantes psíquicos desse instinto de morte continuam a ser os elementos de articulação de seu discurso. Falar em identificação projetiva, inveja, voracidade, mecanismos de defesa, na função em que são tomados na teoria kleiniana sem o apoio da clivagem instintual, splitting, e consequentemente da atividade primaz do instinto de morte não faz sentido.

Habitualmente é então deslocada a primazia para a relação objetal, negada a identidade kleiniana, e a psicanálise identificada como fator de mudança social, via importância da relação

de objeto, lugar de contato com a história e o social. Neste caso, a pulsão é também tomada como passível de satisfação.

Dessa maneira, acreditamos que o que aqui denominamos de inconsciência teórica é simultâneo, acompanha o movimento de difusão da psicanálise[107] Expressa, sobretudo, a sua "submissão" e afiliação direta com o que constitui os saberes e técnicas dominantes em nossa sociedade. Diríamos mesmo que a psicanálise extrai dessa inconsciência, bem como da familiaridade com o "senso comum filosófico"[108], sua força de expansão. O que queremos dizer com isso é que, mais do que a dificuldade de auto-definição por conta de deficiências generalizadas de formação científica, metodológica, filosófica, o que aí se revela é um lugar estratégico que esse discurso ocupa. Lugar que permite grande mobilidade, favorecendo o acumpliciamento com a ordem política mediante pretextos que vão desde a "neutralidade", na sua dimensão de apoliticismo, até o fornecimento de justificativas ideológicas por via de processos como o de naturalização. Mas voltaremos a isso oportunamente.

Mencionamos acima o obsoletismo epistemológico das concepções em que esses analistas ancoram suas posições. Quere-

---

[107] FIGUEIRA, S.A. -

[108] Utilizamos aqui essa expressão no sentido de caracterizar valores, ideologias, a compreensão da realidade compartilhada por determinado meio social.

mos com isso nos referir a esse empirismo apoiado no senso comum e até certo ponto ingênuo, que se traduz por uma crença na existência em si dos fatos formulados à luz de uma dada concepção teórica, como se, enfim, esta viesse formalizar no pensamento algo que teria existência própria, como tal, no real. Mas não é isso que primordialmente está em jogo para os objetivos de nossa análise.

Não podemos menosprezar a questão da formação filosófica, todavia. Como já apontado por Figueiredo A.C.[109], diríamos que a ausência de reflexão crítica institucional da maioria dos analistas kleinianos[110] porta o emblema de sua afiliação à I.P.A. tomada como título de nobreza inquestionável, o que, traduzido para o nível da produção de discurso, implica num cenário de pressupostos, "partis pris", "a priori" filosóficos inquestionáveis e tidos como óbvios e naturais (se preciso for, lançando mão da biologia para atestar essa naturalidade), bem como na inflação de produção técnica. Como assinala Birman, J. :

> O saber teórico é substituído pelo saber técnico, sendo o excesso de valorização deste face ao primeiro que confere a marca característica desse campo intelectual.[111]

---

[109] FIGUEIREDO, A.C. - op.cit.

[110] Consideramos, para essa afirmação, a pertinência a sociedade ligada à I.P.A.

[111] BIRMAN, J. - Crise na Psicanálise, op.cit.

É importante assinalar que outra concomitante desse processo, especular, à inconsciência teórica, é o partilhamento do "senso comum filosófico" vigente (ao qual nos referimos anteriormente) , paralela à falta de familiaridade com a reflexão filosófica e metodológica. Dessa maneira, reproduz-se a banal dicotomização entre teoria e prática. O ideário que opõe o bom teórico ao bom técnico e que receita que "o que é bom na teoria não é bom na prática..." deixa entrever nessa fórmula mental tão evocada no ambiente "psi" tradicional uma crença até certo ponto bastante difundida e absolutamente radicada no senso comum, de que a realidade (psicológica ou psicopatológica), aquilo a que se aduz por via da técnica, é mais cheia de verdade do que pode sonhar a vã teoria. E se a teoria não a recobre, deixa estar, que mais cedo ou mais tarde a técnica o fará. O que é obviamente um contrasenso.

> Esse é o grande risco que corre toda a prática clínica quando o instrumental psicanalítico é restrito à sua dimensão técnica, transformando-se numa tecnologia...[112]

Mas:

> É nesse mesmo contexto, em que se dissocia o discurso teórico do discurso técnico, produzindo a clínica tecnológica, que detectamos o efeito oposto a esse, presente também na totalidade do nosso campo psicanalítico. Esse efeito consiste em hipostasiar o discurso teórico que já se encontra fragmentado e transformá-lo numa verdadeira metafísica psicanalítica, plena de formulações abstratas, onde, frequentemente, não se consegue apreender a sua articulação com a prá-

---

[112]Idem, Ibidem, pág. 158.

> tica psicanalítica. Esse tipo de discurso se constituiu e se expandiu no nosso campo psicanalítico como uma evidente oposição ao discurso tecnológico que transformou a própria natureza da investigação clínica, porém, ao invés de restaurar i sentido da clínica psicanalítica, acabou por sofrer o desvio oposto.[113]

Mais do que convivência torna-se possível uma espécie de conluio de teorias antagônicas que, tratando deste objeto total que é o homem, fazem-no de forma paradoxal no que diz respeito às possibilidades de relações entre ciências que tratam dos mesmos fenômenos. Conforme entrevistados:

> "Quando lhe dei a resposta inicial de que não tinha linha é porque considero as linhas, as tendências, como pedaços partes, aspectos parciais, mas acredito que isso seja necessário em determinados momentos para aprofundar determinados aspectos, mas tudo já estava em Freud..."

Bem como tudo cabe na realidade, porque:

> "O homem é um soma, entende? Soma, somático, né? Aí as teorias falam de partes dele. Se a gente só olhar para o braço esquece que tem cabeça, perna. Melanie Klein, Freud, etc., se complementam..."

> "Com abertura, encontram-se pontos em comum numa série de autores."

E cria-se uma curiosa relação com a teoria, desde quem toma "a observação de bebês como referencial teórico" (sic) - textualmente - até quem declara "a importância de criar seu

---

[113] Idem, ibidem, pág. 158.

próprio esquema conceitual". Enfim, trata-se da observação ao vivo, in loco, do mundo das idéias, via bebês, via "contato com o seu próprio mundo interno" (sic.).

Se as teorias são vazadas, se complementam, se correspondem, isso acarreta que a realidade é multifacetada, abriga concomitantemente e, o que é básico para nossa observação, num mesmo discurso, todas as possibilidades, todas as convivências, Ora, de que se trata aí senão da exibição do poder de homogeneização dos fenômenos por esse saber hegemônico no vigor de seu expansionismo, de seu imperialismo?

Proliferam termos como "relação", "pessoa", "identificação", "abertura", afeição às "profundidades psicológicas", aos "climas", às relações no "aqui e agora", as comunicações de "inconsciente a inconsciente", as "vivências". A supervalorização da transferência, do bebê como lugar privilegiado, mais ainda do que a criança, de emergência da verdade psicológica[114], lugar simultâneo de observação empírica e de encenação de um fantástico mundo mitológico. Rola-se da fantasia (semelhante ao mundo das idéias platônico) às vivências (embebidas de existencialismo tropical). O preceito socrático "Conhece-te a ti mesmo" levado às raias da inconsciência. Neste panorama configura-se uma espécie de inflação da noção nebulosa de vivência pessoal que, frente à recusa das definições, da filiação, tor-

[114] Cabe aqui lembrar a importância da observação de bebês na formação de psicanalistas dessa tendência.

na-se critério absoluto, bem como a dicotomia boa/má análise passa a subsumir todas as diferenças. Definições passam a ser vistas como procedimentos restritivos.

Coincidem a pressuposição de intervenção certa, precisa, científica, com a metafísica da relação e outros momentos míticos. E, num movimento voraz de homogeneização tudo é incorporado à força da interpretação psicanalítica desde a determinação ou motivação pessoal da escolha até a interpretação psicanalítica do prórpio ato da criação da psicanálise por Freud (bem como as transformações conceituais). Vale reiterar, então, que nossa hipótese é a de que essa recusa de auto-nomeação e de assunção à corrente kleiniana corresponde à auto-representação da difusão dessa tendência psicanalítica no Brasil.

Dito de outra maneira, é compreensível a articulação que a mitologia kleiniana, aparentemente tão distante da realidade, mas tão próxima do senso comum, vai assumir com a profusão de tecnicidades. Essa inflação da técnica expressa muito bem a intenção de contornar qualquer questão que coloque em mira os eixos desse saber, apóia-se na eficácia própria das técnicas parentes do senso comum, que exraem dos anseios de normalização da sociedade muito de sua força e por isso não suportam a convivência com os eixos teóricos em sua nudez, em sua potência real que inclui suas fragilidades. Amparada por um empiricismo

até certo ponto ingênuo, caracteriza-se uma verdadeira lógica de conciliação. Guiados pelas coordenadas da ponderação estamos em pleno vaivém do interacionismo - corpo-mente, hereditariedade-ambiente - a maioria dos psicanalistas pesando os prós e os contra, considerando os aspectos bons e maus... Se no plano teórico a psicanálise passa a poder virtualmente conviver com um saco de gatos teóricos, na prática qualquer amálgama , qualquer "bricolage" com outras técnicas também é permissível. Sob a égide da abertura, do ecletismo, conciliam-se o comportamentalismo, a psiquiatria organicista, a psiquiatria "dinâmica", a psicologia, a psicanálise. Pensamento continuísta, no qual a ruptura está fora de questão.

> "O ser humano é uma totalidade, uma interação corpo-mente,e cada teoria muitas vêzes aprofunda um aspecto que foi recalcado pela outra."

> "Freud também, como Kohut em relação a Melanie Klein, começou pelo Édipo e depois estudou o narcisismo. Essa questão foi incorporada na área da psicanálise e agora já incorporada na área kleiniana. É uma postura de maior flexibilidade para criar você mesmo, criando abertura com sua análise, sua supervisão."

Qualquer ruptura, desnível incontrolável, diferença ineludível é negada unanimemente e quase que unanimemente também com veemência. A profusão de termos como desenvolvimento, acréscimo, contribuição, avanço... atesta esse aspecto com clareza. E vale lembrar que o hábito kleiniano de assim intitular

seus trabalhos ilustra perfeitamente o lugar de primazia ocupado por essa prática de continuísmo.

Como então se situar com clareza diante de uma pergunta ampla mas que implica um esforço de ordem teórica? Como estabelecer diferenciações se a ordem política é de conciliação? Mais: Como responder ao extremamente óbvio? A identificação com o senso comum transforma a definição numa tautologia: "Qual a cor de sua transparentíssima ciência"? Responder a uma questão dessa natureza provoca então perplexidade: "Mas você sabe que eu faço psicanálise?". Uma psicanálise para um inconsciente para todas aspessoas.

Retomando certas questões abordadas por Foucault no que diz rspeito à sexualidade e recolocando-as para a especificidade de nosso tema, julgamos pertinente aproximá-las.

Foucault demonstra em "História da Sexualidade - I A Voltade de Saber"[115], como a retórica da repressão sexual é na verdade apenas uma das facetas de um movimento histórico, político e social do ocidente que, para além de ocultar e mascarar a sexualidade, vai fazê-la falar, proliferando-se assim os discursos sobre o sexo como forma de ordená-lo, geri-lo, submetê-

---

115 FOUCAULT, M. - História da Sexualidade - I A Vontade de Saber Rio de Janeiro, Graal, 1985.

lo ao espaço doméstico, domesticando-o. Avança uma possibilidade de explicação:

> Pois essa colocação do sexo em discussão não estaria ordenada no sentido de afastar da realidade as formas de sexualidade insubmissas à economia estrita da reprodução?... (...)...Isso não equivaleria a buscar meios de reabsorver, em proveito de uma sexualidade centrada na genitalidade tantos prazeres sem fruto? Toda esta atenção loquaz com que nos alvoroçamos em torno da sexualidade, há dois ou três séculos, não estaria ordenada em função de uma preocupação elementar: assegurar o povoamento, reproduzir a força de trabalho, reproduzir as formas de relações sociais? Em suma, proporcionar uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora?[116]

Sabemos que Foucault fala do solo fecundo no qual iria vicejar a psicanálise e que esta forma de entendimento da questão é de grande alcance no que tange às relações entre psicanálise freudiana e o sentido histórico, social e político desse saber sobre o sexo em que ela também se constitui. A psicanálise kleiniana, no entanto, porta também sinais de outro solo histórico. Psicanálise dessexualizada, do pós-guerra inglês mas também do mais recente período de autoritarismo brasileiro, período em que assistimos ao crescimento da demanda psicanalítica mas também do silêncio dos psicanalistas, principalmente no que diz respeito aos aspectos institucionais.

> O autoritarismo militar criou condições político-econômicas tais que desestruturaram o núcleo da família burguesa e levaram seus membros a redefinirem suas identidades

[116] Idem, Ibidem, pág. 37.

> privadas, através de instrumentos e instâncias até então inexistentes ou relegadas a segundo plano.[117]

É nesse sentido que ressurgem questões motivadoras desse trabalho: com que sentido se produz esta preocupação tão presente na psicanálise kleiniana da gestão da agressividade? Para efeito da produção de uma agressividade útil. controlada, controlável? E, nesse sentido, é claro, excede a questão da adequação às instituições psicanalíticas oficiais ou tradicionais, colocando em cena a própria instituição desse saber no campo psicanalítico, sua difusão na sociedade, sua penetração em outras instituições sociais e sua relação com a produção da demanda psicanalítica nos indivíduos. Enfim, em que mecanismos de poder deslizam os discursos sobre o instinto de morte e seus representantes escusos na vida mental - a inveja, a agressividade, a voracidade...?

Fato é que nenhum outro saber é mais difundido nas escolas e em outros ambientes saturados de psicologia, de psicanálise.E ao mesmo tempo nenhum tão pouco nomeado, reconhecido pelo seu verdadeiro nome: culpa e ansiedade são temas habituais em qualquer conversa de mães, professoras, pediatras, etc.

Pressupomos, comojá mencionado anterirmente, que,mais do que desvendamento, o saber é produção. E assim não poderíamos,

[117]CERQUEIRA FILHO, G. - (org.) Crise na Psicanálise Rio, Graal,1982.

não sem certa ousadia e correndo o risco de alguma leviandade, adiantar para o uso indiscriminado e indeterminável da transferência, dessexualizada, tomada basicamente como reedição da relação primária e pré-edipiana, na análise kleiniana, a mesma fórmula elucidativa fornecida por Foucault no que diz respeito a essa sexualidade inventada para as crianças e sobre a qual tantos discursos e práticas se produziram?

> O necessário fracasso, a extrema obstinação numa tarefa tão inútil (conter a sexualidade) leva a pensar que se deseja que ela persista e prolifere até os limites do visível e do invisível, ao invés de desaparecer para sempre. Graças a esse apoio o poder avança, multiplica suas articulações e seus efeitos, enquanto o seu alvo se amplia, subdivide e ramifica penetrando no real ao mesmo ritmo que ele. Trata-se, aparentemente, de um dispositivo de barragem, de fato organizaram-se, em torno da criança, linhas de penetração infinitas.[118]

E não é o mesmo que se dá na prática da análise kleiniana quando a transferência incentivada per se termina por se converter em objetivo e não em tática de análise, raramente se dissolvendo mas, pelo contrário, sendo revestida de sentimentos de gratidão, amor, etc. e de uma relação de dependência emocional e idealização?

Torna-se assim fácil relacionar esta situação ao que Birman aponta:

---

118 FOUCAULT, M. - op. cit., pág.

> Se as relações transferenciais entre os alunos/analisandos e os mestres/analistas não forem devidamente liquidadas como se pretende, realizando-se essa liquidação apenas parcialmente, a própria instituição passa a se constituir como receptáculo desses restos transferenciais, enfim, a questão de que a instituição psicanalítica seja um sintoma de uma relação transferencial não elaborada de modo completo, continua aberta às investigações e coloca pontos fundamentais para se pensar a institucionalização da psicanálise e do analista.[119]

E ainda:

> Com efeito, num contexto institucional que sanciona o pai arcaico e a mãe fálica, este tom particular conferido ao discurso kleiniano pode ser precisamente o correlato ideológico adequado para legitimar a verdade das práticas institucionais. Convive-se assim num mundo de fantasmagorias pré-genitais, de bebês sucumbidos de aniquilamento pela onipotência das figuras parentais, que de direito são sempre boas, mas que a maldade a elas atribuída é sempre uma projeção fantasmática de sentido originário. Evidentemente o sucedâneo disso é uma relação de culpabilização quase perpétua, que instaura um processo de melancolização de difícil e mesmo quase impossível solução transferencial.[120]

Nesse sentido, as seguintes passagens de entrevistas por nós realizadas, com psicanalistas kleinianos, parecem-nos bastante eloquentes:

---

[119] BIRMAN, J. - op. cit. pag. 152.

[120] Idem, Ibidem, pág. 151.

(Pergunta:) — Poderia descrever ou definir sumariamente o percurso de sua formação?

"— Minha formação foi totalmente decorrente da minha análise didática, que foi a única análise que eu fiz. Minha análise foi a melhor escola teórica que eu tive, porque me inspirava e me orientava no estudo teórico em função das vivências que eu tinha... Tudo se encaixava... (Sobre tendência teórica predominante, responde:) "...tendência teórica, né? ...Olha, eu acho que a minha inclinação teórica tem a ver com minha formação aqui na sociedade, que é uma formação assim...bem ampla, né, bem eclética inclusive. Eu acho que sempre segui o caminho daqui, por aí eu fui. Eu não sei, eu tenho a impressão de que se tivesse autores que me interessariam mais seriam aqueles autores que desde que eu comecei a estudar tivessem essa orientação que eu acabei tomando..."

A respeito da apropriação do modelo kleiniano pela instituição a que pertence, outro analista entrevistado diz:

"Aqui na... não! Não. (peremptório)... pelo próprio currículo você vê... Quem estabelece o currículo são os próprios didatas e se esse currículo sempre foi oferecido isso mostra que a maioria seguia essa orientação, embora tivessem pessoas que seguiam porque tiveram uma formação bem kleiniana. Mas não era o que predominava em nossa sociedade. Nunca foi... Eu acho que é isso mesmo, uma formação bastante eclética... uma variedade de autores muito grande."

Uma análise instigada pelo desejo de pertinência a uma instituição, análise perpetrada por essa instituição, via "análise didática" e que se torna literal e expressamente o crivo de toda a qualificação profissional, sua credencial máxima, produzindo um extenso efeito de desconhecimento sobre sua própria prática, que

passa a ser vista como livre e eclética: efeito maior dessa ideologização institucional que é fazer-se conhecer e reconhecer como arbitrado livremente. O crivo é assim a análise. Todas as perguntas sobre escolha teórica ou eram elididas pela mística do ecletismo ou, quando realmente respondidas, atravessavam o tema da análise, um fantástico filtro ideológico, lugar privilegiado na formação da ideologia profissional.

Referindo-se à década de 70 e a certa instituição psicanalítica, Gisálio Cerqueira Filho escreve:

> Entretanto, o questionamento dos efeitos ideológicos do "boom" psicanalítico estava objetivamente dificultado pela reunião de vários fatores: a abundância de clientes, o reconhecimento social da psicanálise, o "status" social conferido ao analista, os elevados ganhos financeiros que a clínica psicanalítica proporcionava. Assim, a sujeição à rotina autoritária da instituição se fazia como um pré-requisito àquele que permanecia na crista da onda do modismo psicanalítico. A própria formação psicanalítica era pouco, ou nada, questionada. A questão da análise didática, com a imposição de um dado circuito de poder, era aceita sem maiores discussões. A exclusão da totalidade dos membros associados do processo decisório se fazia pelo impedimento do voto, reservado exclusivamente para os membros efetivos. Nem mesmo as graves denúncias de cumplicidade com a tortura com relação a um dos membros da... fez despertar a consciência crítica, seja da direção, seja dos associados como coletivo. O "boom" psicanalítico teve a sua tradução política na completa omissão dos analistas de ...para não dizer dos psicanalistas em geral. Mas a omissão também se dava no plano da reflexão científica e da produção téórica. O desconhecimento da História, da Sociologia, da Epistemologia, de uma teoria das ideologias, não chegava então a incomodar nem estudan

> tes em formação, nem candidatos a membros associados e até mesmo psicanalistas em funções didáticas.[121]

E dessa forma, a nível da prática dos analistas, da prática da análise, o que se observa é uma espécie de obstinação desses analistas em produzir transferência, instigá-la, induzi-la, numa insistência proliferadora, intensificadora, o que, a nível social, na extraterritorialidade do consultório, produz um reducionismo psicanalítico que é, na verdade, uma outra faceta da difusão psicanalítica, um olhar panóptico controlador e vigilante sobre as formas de ser e viver, de se cuidar das crianças, de se tratarem as loucuras e o sofrimento dos homens. Compreende-se que, especificamente nesse discurso, perca sentido a questão da cura. Transferência torna-se derramamento generalizado do passado sobre o presente, o exterior, a realidade na sua concretude mera projeção animada por fantasmas, a vida apenas manifestações encenadas por objetos internos da produção de problemáticas infinitamente interpretáveis, analisáveis. Cura substitui-se por auto-conhecimento, legitimando-se a penetração e permanência da psicanálise em todas as esferas da vida dos indivíduos. A análise alcança um estatuto de turismo interno. A descoberta infindável e sempre renovada de novas paragens interiores: essa experiência da realidade psicológica vivida no espaço privado como a mais verdadeira, essa ob-

---

[121] CERQUEIRA FILHO, G. - op. cit.

sessão, compartilhada por largos grupos, da autenticidade, é então levada à exaustão, saturação, inflação máxima via análise, tornada, assim, crivo radical de todas as experiências e a experiência máxima de si mesmo.

> "Não sei, ultimamente eu vejo o meu trabalho um pouco diferente do que via há alguns anos atrás. Quando comecei eu achava que as pessoas vinham tratar dos sintomas que tinham, procurar melhorar dos sintomas, vinham buscar alívio para os sintomas que tinham, se sentir bem. Eu aos poucos fui mudando porque eu vi que, primeiro esse alívio é relativo. Passei a ver que às vêzes a pessoa, quando se tratava, tinha tão mais consciência do que se passava dentro dela que esse alívio que vinham buscar já não existia, no sentido de que se livraram do sintoma mas estavam percebendo o que sentiam, vivendo mais intensamente as relações, então essa cura, entre aspas, eu comecei a deixar de lado e ver o que é que me interessava e senti que era um caminho que a pessoa ia seguindo e que era do interesse dela alcançar e eu percebi que o meu objetivo era exatamente esse, levar a pessoa a tomar consciência de si mesma, de ser capaz de se identificar naquilo que sente, naquilo que pensa, na relação com as pessoas, sem mentiras com elas mesmas. E isso me levou a uma outra coisa: desenvolver essa capacidade mesmo criadora dentro das pessoas que é estar assim interssada, né, interessada na vida, nas pessoas, na...arte, na...natureza...e por aí afora. É muito no sentido do desenvolver essa parte criadora que todo mundo tem, independente dessa cura..."

> "Olha, hoje em dia o que leva as pessoas à análise é muito mais do que o sofrimento. As pessoas querem se conhecer mais e melhor, querem ser analisadas para viverem melhor, darem às suas vidas, vínculos, uma qualidade melhor, sobretudo quando as condições de vida das sociedades modernas vem se modificando tanto."

> "O que a gente busca na análise é conhecer a si próprio. E o analista deve, a função dele é acompanhar nessa aventura."

Conforme Freire Costa, J. (11), a ausência de definição normal/patológico - correlata do descrédito da noção de cura - é um traço da difusão psicanalítica, suportado amplamente por seu discurso teórico como uma totalidade. Se não há cura, mas busca de auto-conhecimento, todos os sujeitos humanos são passíveis de análise e "todo o resto" também. O critério de analisabilidade passa a se confundir com a própria demanda. E, no nosso entender, o discurso kleiniano demonstra extrema perícia na consecução desse objetivo. Queremos com isso dizer que talvez o que mais seja buscado é a justamente a proliferação dos modos, kleinianos, de existir. Viver sob a égide da culpa, da voracidade, da inveja, nesse território do individualismo estreito e extremo é também criar condições para uma técnica do si mesmo nada desprezível no mundo contemporâneo. Mundo radical e inelutavelmente hierarquizante, receptivo, portanto, a essa técnica portadora dos sinais de uma moralidade inequívoca, conservadora, capaz de contribuir decisivamente, na esfera do privado, pela reprodução desta ordem social, deslizando pelas engrenagens do poder e produzindo, no ato de domesticá-la, parte da violência da sociedade industrial avançada (inveja, ódio, agressividade, voracidade, culpa, reparação, gratidão). No caso brasileiro, tratando-se especificamente da implantação e fortalecimento da economia capitalista com sua

forma própria de truculência social - basta lembrar o período de implantação e consolidação do kleinianismo no Brasil e sua efetiva coincidência com esse período histórico em que o Brasil se"moderniza", os famosos anos "JK" e, posteriormente, o "milagre econômico".

Ora, tudo isso há de resultar no que parece, a nossos olhos, uma verdadeira concepção kleiniana da natureza humana, e seus termos introduzidos para articulá-la. Segundo esta concepção, a alma humana, constituída de etéreas entidades fantasmáticas, encontra-se firmemente ancorada no corpo biológico, ficando a realidade social e a cultura praticamente atrelados a essa ordem fantasmática. Em outras palavras, impulsos biológicos animados por fantasmas mitológicos comandam os mecanismos de associação com o real, animam a vida mental e, na mesma linhagem, direta, produzem-se mecanismos de defesa. Isto implica a inversão de uma fórmula filosoficamente clássica - a fórmula rousseauniana: "O Homem nasce mau, a Sociedade - via seus agentes de domesticação -é que o redime". Inversão, não subversão: mantém-se a mesma perspectiva romântica e naturalista do mestre genebrino. Se a pedagogia, a partir de Rousseau, tornou-se afeita às crianças, na busca de preservar-lhes a bondade natural, esta forma de pureza, a psicanálise kleiniana vai buscar combater-lhes, no sentido de domá-la, esta maldade natural que as torna potencialmente perigosas, constituindo mesmo uma espécie de"teoria do mau selvagem" . Difunde-se, assim, uma espécie de psicopatologia da vida quotidi-

ana de fácil alcance - embora de relativa dificuldade de domínio sobre nossas intenções malévolas, sobre nossas maléficas formas de exercício de si mesmo, da maternidade, de viver as infâncias, os relacionamentos, etc.

> "Claro! O amor não causa problema, não precisa teoria, terapia, e sim o ódio."

> "No fundo é religioso sim. Luta do bem contra o mal: é a dicotomia eterna, desde a Bíblia até as histórias em quadrinhos".

Discurso expansionista, portanto, cuja fluidez dos limites de aplicabilidade são bastante úteis.

Um outro ponto que nos pareceu de extrema relevância diz respeito a esse reiterado interesse pelos tipos narcísicos na clínica. De maneira geral, abordados via Kohut e seus seguidores, eles demarcam a principal área de interesse e indagação desses analistas. Do ponto de vista da crítica psicanalítica dos costumes isso parece representar uma oposição aos modos atuais de maternagem e demais formas de existência:

> "Surgem dificuldades próprias da época atual, muito ligadas a uma situação de maternidade. Os pacientes atuais são de classe sócio-econômica diferente dos pacientes de Freud que, apesar de tudo, tinham boas condições de cuidado materno-infantil. Atualmente há maior divulgação e maior número de problemas de relação precoce mãe-bebê, agora mais conturbada... Enfim, há maior aceitação da mãe solteira, por exemplo, houve muitas mudanças na cultura. Há menos ajuda das avós, um pior ambiente em torno: ambiente ruim e não isso que se costumou

> chamar de "mãe esquizofrenizante". Enfim, são dificuldades que sempre existiram e que agora são maiores e mais evidentes."

Da mesma forma, aparentemente também apontam uma continuidade, uma negação de qualquer diferença ou influência histórica no cerne da estrutura psicanalítica, conforme citações anteriores.

Para compreendermos melhor este aspecto nos parece necessário situá-lo no contexto de algumas outras questões. Se a psicanálise, no seu processo de difusão, no ato de disseminar-se, perdeu grande parte de sua especificidade[122], isso também acarretou perda de sua eficácia como resposta ao sofrimento psíquico. A demanda desta forma moderna de individualismo, tão bem estudada por autores contemporâneos (Figueira, S.A. e Costa, J.F.) não encontra mais resposta na psicanálise enquanto técnica de escuta e deciframento do singular. No vifor de sua expansão, já foi assinalado, a psicanálise perdeu muito de sua força e de sua eficácia social, e, se isso representa um dilema e uma contradição da psicanálise, também traz luz sobre aspectos pilares desse saber. Se ele se insere nesse contexto de individualismo, de proliferação dos discursos sobre si e sobre a sexualidade, torna-se então curioso que os "narcísicos", esses seres aparentemente constitutivos do reduto do individualismo, sejam justamente aqueles sobre quem se debruça a posicanálise atual num esforço de fazê-los fa-

---

[122] Cf. FIGUEIREDO, A.C. - op. cit.

lar aquilo que eles insistentemente calam. Ocupando um lugar muito próprio, um lugar de trincheira, são eles o alvo da estratégia da psicanálise de incitamento à fala, bem como foco de resistência a essa fala, a essas falas que caracterizam o homem moderno. Corpo e mente oferecidos à psicanálise mas oferecidos como um desafio: engulam-se esses individualistas que pouco sabem falar de si, de seus prazeres e medos, embora se dediquem a tê-los, que vivem presos à cadeia de satisfação dos desejos mas pouco podem desejar e se dedicam ao cultivo do "tédio" que, "sem psiquismo",[123] são, no entanto, pontuais e frequentes no consultório. Em suma, são esses pacientes talvez agora redutos extremos do privado, focos de oposição a essa "publicidade" em que o intimismo caiu. Lugar de investimento da psicanálise mas também sua área de obscuridade, é a questão do narcisismo que talvez melhor nos esclareça a respeito de certos limites e possibilidades da psicanálise na medida em que mais trazem em si essa possibilidade de nos expor a uma quantidade de perplexidades guardadas a sete teorias nos gabinetes de psicanálise.

---

[123] Cf. expressão de um entrevistado de tendência não delineadamente kleiniana, caracteriza-o de maneira muito feliz e atualmente difundida.

CONCLUSÃO

Crise da Psicanálise... Crise na Psicanálise... É certo que pisamos em ovos. A Psicanálise, neste momento também para os psicanalistas, constitui o seu calcanhar de Aquiles,o osso e o sapo atravessado em sua garganta histórica. Não é mais possível repousar em berço esplêndido. Seja porque o "milagre" acabou, seja porque o "sonho" acabou, é preciso a cada passo retomar questões, axiais ou periféricas, mas de qualquer modo as questões que atravessam a nossa prática psicanalítica.

Neste sentido, nossas inquietações são múltiplas e esbarram sempre na garantia de uma certa eficácia, no socorro próximo do sentido da palavra da Psicanálise para o sofrimento psíquico. Em outros termos, há que não ignorar, mesmo porque como agentes "psi" não poderíamos fazê-lo, a eficácia própria do discurso psicanalítico, mas é também como agentes "psi" que precisaríamos nos perguntar sobre os sentidos dessa eficácia e propor-nos a decifração e discriminação dos matizes ideológicos que inundam as práticas e os discursos psicanalíticos. Tarefa especialmente premente nessas horas de descrédito da agora já quase antiga "Nova Ordem" de costumes: sabe a psicanálise como registrar em seu interior, "fazê-los falar", incorporá-los a seu discurso, esses novos modos de ser urdidos neste mais recente fim de século? Quais

são as formas da ppsicanálise trazer para si esses "buracos negros" dos novos comportamentos, esses "pontos cegos"?

Um primeiro ponto de investida pareceu-nos serem as chamadas "personalidades narcísicas" e toda a teorização dos "psicanalistas do self" a esse respeito, conforme ensaiamos afirmar no Capítulo III. Entendemos esse desdobramento do pensamento psicanalítico como fortemente ancorado na tendência kleiniana e, neste sentido, embora não identificado dessa forma pelos analistas entrevistados, chamou-nos enormemente atenção o interesse declarado destes analistas por essa abordagem. Não foi, assim, acidental que inúmeras citações nossas terminaram apontando esse aspecto. Por certo, não poderíamos avançar nessa hipótese: correríamos o risco de previsões imprudentes e levianas, no que diz respeito a fenômeno tão recente.

Gostaríamos, por fim, de apontar o fato de nosso trabalho ter-se circunscrito, por contingência das entrevistas efetuadas, na auto-representação dos analistas acerca de sua prática, tendo-se praticamente desvanecido a questão da representação acerca da difusão do pensamento psicanalítico kleiniano propriamente dito. Da mesma forma, aspectos teóricos que julgamos fundamentais como o tema da ansiedade manteve-se periférico e de pouco significação para nossa análise.

Cabe reiterar que interrogações fundamentais acerca do sentido político e ideológico da produção e difusão do discurso kleiniano, da mesma forma, não encontraram resposta nesse trabalho. Na medida em que nos limitamos à análise das representações dos analistas, abrimos mão de outras linhas de investigação também fundamentais para a compreensão deste fenômeno, de suas diversas formas de manifestação. Consideramos importante situar os elementos apontados no decorrer de nosso trabalho com relação aos diversos movimentos, deslocamentos, estratégias, produções políticas e sociais que resultaram na supremacia do discurso kleiniano. Supremacia no momento relativizada mas que, na nossa opinião, permanece reassegurada na medida em que essa forma de saber prolifera no silêncio dos costumes das pessoas, de seus modos de viver e de representá-los para si. Supomos, assim, que apesar de todos os percalços e revezes sofridos em seu interior, é este discurso que melhor se colocou em condições de assentamento e estabilidade e, para isto, ousamos afirmar, contribuiu enormemente a sua forma interna de organizar a intimidade psicológica e a subjetividade, bem como a sua consonância com o senso comum, inclusive aquele que aqui denominamos de "senso comum filosófico". Terá sido esta possibilidade de falar do homem, de um ponto de vista extensamente reconhecível por ele, e com a pretensão de desvendar o seu "interior", ajudá-lo a trilhar os caminhos árduos de si mesmo para onde os tempos modernos o impelem, e a reconhecer a sua tristeza e o seu mal-estar terá sido esta possibilidade, aliada às ocasiões da História, que permitiu que ele tão firmemente se estabelecesse.

BIBLIOGRAFIA

(01) - ALTHUSSER, L. - Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado, Lisboa, Editora Presença/Martins Fontes, 1980.

(02) - ARIÈS, P. - História Social da Criança e da Família, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

(03) - BARANGER, W. - Posição e Objeto na Obra de Melanie Klein, Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1981.

(04) - BAREMBLITT, G. - Progressos e Retrocessos na Psicanálise, São Paulo, Editora Global/Editora Ground, 1978.

(05) - BIRMAN, J. e NICÉAS, C.A. - Transferência e Interpretação, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1981.

(06) - CASTEL, R. - O Psicanalismo, Rio de Janeiro, Ed. Graal,1978.

(07) - ———— - Psychamérique: Vers la Société Pospsychanalytique, in Pouvoirs 11.

(08) - CERQUEIRA Fº, G. - (org.) Crise na Psicanálise, Rio de Janeiro, Editora Graal, 1982.

(09) - COIMBRA, L. F. - Viagem na Poesia, Gratidão e Fé, in Tempo Psicanalítico, Vol. V, Nº 1, Rio de Janeiro, 1982.

(10) - COSTA, J. F. - Ordem Médica e Norma Familiar, Rio de Janeiro, Editora Graal, 1979.

(11) - ———— - Violência e Psicanálise, Rio de Janeiro, Editora Graal, 1984.

(12) - DONZELOT, J. - A Polícia das Famílias, Rio de Janeiro, Editora Graal, 1980.

(13) - ESCOBAR, C. H. (org.) - O Dossier / Últimas Entrevistas de Michel Foucault, Rio de Janeiro, Livraria Taurus Ed.1984.

(14) - FIGUEIRA, S. A. - O Contexto Social da Psicanálise, Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1981.

(15) - ———————— - (org.) Psicanálise e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1980.

(16) - ———————— - (org.) Família, Psicologia e Sociedade, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1981.

(17) - ———————— - Difusão da Psicanálise no Público Brasileiro, Projeto de pesquisa no Departamento de Psicologia da PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1985.

(18) - ———————— - Psicanalistas e Pacientes na Cultura Psicanalítica - Texto Datilografado.

(19) - FIGUEIREDO, A.C.C. - Estratégias de Difusão do Movimento Psicanalítico no Rio de Janeiro, Tese de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, 1984.

(20) - FOUCAULT, M. - Psicologia e Doença Mental, Rio de Janeiro Editora Tempo Brasileiro, 1978.

(21) - ———————— - História da Sexualidade I - A Vontade de Saber, 6ª Ed., Rio de Janeiro, Editora Graal, 1985.

(22) - ———————— - A Verdade e as Formas Jurídicas, Rio de Janeiro, Cadernos da PUC/RJ, Série Letras e Artes,1974.

(23) - FREUD, S. - Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Volumes II, III, IV, V, XII, XIV, XVIII e XX, Rio de Janeiro, Imago Editora.

(24) - GREEN, A. e outros - Psicanálise: Problemas Metodológicos, Conscientia 2, Petrópolis, Editora Vozes, 1975.

(25) - GUILHON DE ALBUQUERQUE, J. A. - Metáforas da Desordem, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1978.

(26) - GUNTHRIP, H. - Minha Experiência de Análise com Fairbairn e Winnicott, Texto datilografado, cedido pelo IMP, 1980.

(27) - HEIMANN, P. On Counter-Transference, in The Classics of Psychotherapy, Londres, Ed. Lange, 1981.

(28) - HOFFER, W. - Melanie Klein, in The International Journal of Psychoanalysis, Vol. XLII, Parts 1-2, Londres,1961.

(29) - JACCARD, R. (org.) - Histoire de la Psychanalyse, Vols I e II, Paris, Hachette, 1982.

(30) - KATZ, C. S. - Psicanálise e Instituição, Rio de Janeiro, Editora Documento, 1977.

(31) - ———— - (org.) Psicanálise e Nazismo, Rio de Janeiro, Editora Taurus, 1985.

(32) - ———— - (org.) Psicanálise, Poder e Desejo, Rio de Janeiro, Coleção IBRAPSI, 1979.

(33) - ———— - (org.) Psicanálise e Sociedade, Belo Horizonte, Editora Inerlivros, 1977.

(34) - KLEIN, M. - Amor, Ódio e Reparação, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975.

(35) - ———— - Contribuições à Psicanálise, São Paulo, Editora Mestre Jou, 1970.

(36) - ———— - Inveja e Gratidão, Rio de Janeiro, Imago, 1975.

(37) - ———— - Psicanálise da Criança, São Paulo, Editora Mestre Jou, 1975.

(38) - ———— - A Educação de Criança à Luz da Investigação Psicanalítica, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1969.

(39) - ———— e outros - Os Progressos da Psicanálise, São Paulo, Editora Mestre Jou, 1970.

(40) - ———— e outros - Novas Tendências na Psicanálise, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1969.

(41) - ———— e outros - Temas de Psicanálise Aplicada, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1969.

(42) - LACAN, J. - O Seminário, Livro 1 - Os Escritos Técnicos de Freud, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

(43) - LANGER, M. e outros - Questionamos, Petrópolis, Vozes,1972.

(44) - LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.-B. - Vocabulaire de la Psychanalyse, Paris, P.U.F., 1973.

(45) - MACHADO, R. - Ciência e Saber, Rio de Janeiro, Editora Graal, 1982.

(46) - ———— - (org.) - Microfísica do Poder, Rio de Janeiro, Editora Graal, 1979.

(47) - MANNONI, M. - Educação Impossível, Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1977.

(48) - ———— - O Psiquiatra, seu "Louco" e a Psiquiatria, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1971.

(49) - OBERNDORF, C. P. - A History of Psychoanalysis in America, New York, Harper Torchbook, 1964.

(50) - PASSOS, M. D. - O Processo de Legitimação do Psicanalista: Uma Análise do Núcleo de Estudo e Formação Freudiana, Tese de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, 1984.

(51) - ROSENFELD, H. - Primitive Object Relations and Mechanisms in International Journal of Psychoanalysis, (64, 261), Londres, 1983.

(52) - ———— - A Clinical Approach to the Psychoanalytic Theory of the Life and Death Instincts: An Investigation into the Agressive Aspects os Narcissism, in International Journal of Psychoanalysis, Londres, 1971(52,169).

(53) - PONTALIS, J. - A Psicanálise depois de Freud, Petrópolis, Vozes, 1972.

(54) - SEGAL, H. - Introdução à Obra de Melanie Klein, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975.

(55) - SUTHERLAND, J. D. (org.) - A Psicanálise e o Pensamento Contemporâneo, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1973.

(56) - TURKLE, S. - Freud's French Revolution, New York, 1980.

(57) - USSEL, R. - Repressão Sexual, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1980.

*****

APÊNDICE

ROTEIRO DE PERGUNTAS FORMULADAS AOS PSICANALISTAS ENTREVISTADOS*

1. Como caracteriza o seu trabalho clínico? Por que?

2. Identifica nesse trabalho alguma tendência teórica explícita ou predominante? Como a definiria em suas formulações básicas?

3. Que modificações representam em relação ao pensamento freudiano?

4. Poderia descrever sumariamente o percurso de sua formação?

5. Por que vias sua escolha teórico-técnica se deu?

6. Considera que existe uma tendência predominante na instituição à qual é filiado? De que forma se identifica ou não com ela?

7. O que leva as pessoas a buscarem análise? Na sua opinião, que condições e razões influenciam essa escolha?

8. A teoria... atenderia melhor a essa demanda? Por que?

9. Identifica alguma mudança na problemática dos clientes da psicanálise nesses últimos anos? Como isso foi levado em conta pela teoria...?

10. Identifica diferenças na problemática das pessoas que buscam uma análise de orientação... ou outra?

---

* O presente roteiro foi utilizado como guia geral nas entrevistas de modo a uniformizar as perguntas, o que não significou que, em função das respostas, outras perguntas não fossem feitas.

Disssertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Cristina Duba Silveira, intitulada - "**A psicanálise Kleiniana no Brasil: Um panorama histórico-político**", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Anamaria Ribeiro Coutinho
PUC-Rio (Orientadora)

Esther Maria de Magalhães Arantes
PUC-Rio

Kátia Rodrigues Muricy
PUC-Rio

Visto e permitido a impressão
Rio de Janeiro, ..10./11.../ 2000.

Prof. Jürgen Heye
Coordenador Setorial de Pós-Graduação do Centro de Teologia e Ciências Humanas